

NO CAMINHO DE JESUS
ENTENDENDO O EVANGELHO DE MARCOS

Coleção **DO POVO PARA O POVO**

Preparada pela equipe de assessores e assessoras do Centro Bíblico Verbo

- *Da comunidade nasce a nova vida! evangelho de João: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Atos dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Atos dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros — Segundo volume*
- *Reavivar a caminhada... As cartas de Pedro: roteiros e orientações para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros e orientações para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros para encontros*
- *No amor e na ternura a vida renasce. Oseias: roteiros e orientações para encontros*
- *Come teu pão com alegria! Entendendo o livro de Eclesiastes*
- *Deus viu que tudo era muito bom! Entendendo o livro de Gênesis 1-11*
- *O amor jamais passará! Entendendo a Primeira Carta aos Coríntios*
- *Alegrai-vos sempre no Senhor! Entendendo a Carta aos Filipenses*
- *Levanta-te e vai à grande cidade! Entendendo o livro de Jonas*
- *A caminhada no deserto: Entendendo o livro do Êxodo 15,22-18,27*
- *No caminho de Jesus: Entendendo o evangelho de Marcos*

CENTRO BÍBLICO VERBO

NO CAMINHO DE JESUS

ENTENDENDO
O EVANGELHO DE MARCOS



PAULUS

Centro Bíblico Verbo
Rua Verbo Divino, 993
Chácara Santo Antônio
04719-001 São Paulo-SP
Tel. (11) 5181-7450
Fax (11) 5182-8701
www.cbiblicoverbo.com.br
cbiblicoverbo@uol.com.br

Autoria: *Maria Antônia Marques*
Shigeyuki Nakanose, svd

Direção editorial: *Zolferino Tonon*
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*
Ilustrações: *Francisco Daniel A. Moreira*
Revisão: *Thiago Augusto Dias de Oliveira*
Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*
Impressão e acabamento: PAULUS

© PAULUS – 2012
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3360-5

AGRADECIMENTOS

O subsídio “No caminho de Jesus” exigiu que fizéssemos esta caminhada, assumindo o período de mudança da sede e a convivência com a provisoriedade e com os limites de tempo. Esse caminho só se tornou possível porque contamos com a solidariedade e o serviço de pessoas amigas.

Agradecemos a todas as pessoas que nos acompanham e nos incentivam para continuarmos “no caminho de Jesus”.

De maneira especial, nossa gratidão:

- Aos participantes do curso de aprofundamento bíblico no dia 10 de março de 2012, sob a coordenação de Aparecido, Geraldo, Josefa, irmã Elizabeth e Silvana.
- Às pessoas que participaram do Seminário de Aprofundamento sobre o evangelho de Marcos, em São Paulo, nos dias 4 a 8 de julho de 2011; e em Santo Antônio de Jesus/BA, nos dias 12 a 15 de novembro de 2010.
- Às assessoras e aos assessores do Centro Bíblico Verbo, pelas sugestões e observações: Ademar José Kaefer, Heloísa Silva de Carvalho, Henrique Alberto Castro, Luís Carlos Catapan, Luiz José Dietrich, Maria Gisele Canário de Sousa e Terezinha Veronese.

- À Congregação do Verbo Divino, pelo apoio, incentivo e colaboração na realização dos encontros bíblicos.
- A todas as pessoas que fazem parte da Família do Centro Bíblico Verbo, especialmente às funcionárias e aos funcionários da Soverdi, pessoas que nos acompanham na caminhada cotidiana.

APRESENTAÇÃO

A ideia de iniciar a coleção *Do povo para o povo* brotou da necessidade de socializar, numa linguagem simples e acessível, as descobertas da pesquisa bíblica. A equipe do Centro Bíblico Verbo acredita que produzir subsídios com a colaboração de pessoas das comunidades é uma maneira de:

- Fazer com que leigas e leigos sejam agentes da própria história.
- Formar multiplicadores/as da Palavra, na pessoa de quem participa diretamente do processo de elaboração.
- Ter um texto produzido a partir da experiência do povo.

O projeto tem como objetivo produzir junto com as assessoras e os assessores do Centro Bíblico Verbo e as comunidades textos que sirvam de reflexão em encontros ou cursos bíblicos, oferecendo às pessoas e comunidades um roteiro simples e com fundamentação bíblica para temas importantes na Pastoral, por exemplo: Páscoa, religiosidade popular, como ler a Bíblia, entre outros.

Os textos da coleção *Do povo para o povo* apresentam uma exegese voltada para a libertação das pessoas e dos grupos oprimidos, baseando-se sempre nos textos bíblicos. A responsabilidade do conteúdo da coleção fica a cargo da equipe do Centro Bíblico Verbo, e sua publicação a cargo de PAULUS Editora.

INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE MARCOS



No caminho de Jesus

Uma leitura do evangelho de Marcos

Ao abrir o evangelho de Marcos, lemos:

- “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Mc 1,1).
- “O reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1,15).
- “Vinde em meu seguimento e eu farei de vós pescadores de homens” (Mc 1,17).
- “Levanta-te e vem aqui para o meio” (Mc 3,3).
- “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37).¹

São frases conhecidas que já ouvimos muitas vezes. No tempo das primeiras comunidades cristãs, elas anunciavam a boa notícia da proximidade do reino de Deus. Ainda hoje, esta memória é sagrada, pois nos transmite esperança e a certeza de que o reino de Deus acontece em nosso meio. Reino que se constrói com a colaboração de mulheres e homens que se dispõem a seguir Jesus. Mas quem é Jesus e qual o seu projeto? A principal preocupação do evangelho de Marcos é dar uma resposta a essas questões. A nossa resposta não é dada de uma vez por todas, mas à medida que nos colocamos o caminho de Jesus.

Nessa caminhada, teremos como espelho o discípulo no evangelho de Marcos. De acordo com uma antiga tradição, esse livro foi escrito entre os anos 65 e 70 d.C. Um período marcado por grandes dificuldades para judeus e cristãos. Um acontecimento marcante foi a perseguição de Nero à comunidade cristã, que aconteceu

¹ IMPORTANTE: Onde não estiver indicado o livro bíblico, a citação é do evangelho de Marcos. Os textos bíblicos foram extraídos da Bíblia de Jerusalém, nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

em Roma, por volta do ano 66 d.C. Em vários pontos do Império surgiram levantes dos judeus, sendo o principal na Palestina, conhecido como a Guerra Judaica, entre os anos 66-73 d.C. Um tempo guerras, massacres, fome e muita tribulação. Mas onde estava a comunidade de Marcos e onde surgiu o seu evangelho?

Conhecendo o evangelho de Marcos

Para muitos, o evangelho de Marcos surgiu em Roma, após o martírio de Pedro, em 64 ou 67 d.C. Os argumentos se baseiam na tradição de Papias, no início do século II, que atribuiu esse evangelho a Pedro, sendo Marcos o redator. Outros acreditam que esse escrito nasceu na Síria para comunidades formadas por gentios e judeus, que fugiram de Jerusalém por estarem em desacordo com a estrutura do templo.

De acordo com a pesquisa atual, muitos afirmam que esse evangelho de Marcos foi escrito na Galileia, principal local da atividade missionária de Jesus. Há algumas informações que aparecem no texto que fortalecem essa afirmação, por exemplo:

1. A atividade de Jesus: no evangelho de Marcos, Jesus atua a maior parte de sua vida na Galileia e nos seus arredores.
2. O autor conhece as tensões existentes na Palestina e entre os diversos grupos e regiões. Para ele, os adversários de Jesus na Galileia vêm de Jerusalém (3,32; 7,1). Ele sabe que a Palestina e as regiões limítrofes não estão habitadas somente por judeus (7,24-25).
3. Destinatário: embora haja judeus na comunidade de Marcos, os principais destinatários são gentios, pois o autor explica certos costumes e práticas



judaicas, por exemplo, a lei do puro e do impuro (Mc 7,1-23); como também o uso de termos em aramaico e sua tradução em momentos-chaves da narrativa, como: *Taliitha kum*, “menina, levanta-te” (5,41); *Effatha*, “abre-te” (7,34); *Abba*, “pai” (14,36); e *Eloi, Eloi, lemá sabachtáni?*, “meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?” (15,34).

Para nós, a região da Galileia é o local de origem do evangelho de Marcos, tendo como destinatário as comunidades situadas na região da Síria, de Tiro e da Decápolis.

Pisando o chão da comunidade de Marcos

Desde 63 a.C., a Palestina estava sob o domínio do império romano, que explorava violentamente o povo por meio da cobrança abusiva de impostos e do monopólio do comércio. O Império, junto com os reis herodianos, promoveu a construção de várias cidades para facilitar a administração, o comércio e a mordomia dos governantes à custa da espoliação do povo, especialmente dos camponeses. Para os judeus, havia o sistema religioso com suas exigências de dízimos e a lei do puro e impuro e seus inúmeros sacrifícios.

Nesse período, aumentou o endividamento e muitas famílias foram obrigadas a vender sua terra, o que significava perder sua casa, identidade e relações sociais. Fome, doença e escravidão se tornaram realidades do cotidiano. Muitas pessoas ficaram sem eira nem beira, perambulando pelas praças e mercados, sem terra e sem emprego (cf. Mt 20,1-16). E para complicar a situação, as leis da pureza marginalizavam e castigavam os pobres e os doentes. Essa realidade provocou várias revoltas, especialmente na Galileia, a região mais explorada e devastada.

No norte da Galileia, por volta do ano 70 d.C., a comunidade de Marcos redigiu o seu livro sobre a vida de Jesus. Trata-se de uma comunidade atingida pela guerra e a fome. A realidade de sofrimento e perseguição reacendeu o nacionalismo judaico, traduzido na espera de um Messias rei e poderoso para libertá-los do jugo opressor. O evangelho de Marcos apresenta Jesus como o Messias-servo, que assumiu a causa da justiça até o fim, por isso foi morto, mas Deus o ressuscitou (8,31; 9,30-31; 10,32-34). Além do conflito religioso e político, a comunidade enfrentava conflitos étnicos e culturais. O modo de vida romano e a busca desenfreada de bens, poder e privilégio estavam sendo assumidos por muitas pessoas.

Mas, apesar das dificuldades, a comunidade procurava resgatar e seguir o projeto de Jesus de Nazaré: a construção do reino de Deus.

Conhecendo a proposta do evangelho de Marcos

Na tentativa de retomar o caminho de Jesus, a comunidade apresenta Jesus como o Messias-servo e as condições para segui-lo. Entrar nesse discipulado exige “deixar as redes” e ter disposição para aprender de Jesus estratégias para a concretização do reino de Deus. É preciso sair e ultrapassar fronteiras. Só é possível construir o reino a partir de relações tecidas na fraternidade e no serviço.

O evangelho de Marcos nasce da necessidade da comunidade de colocar por escrito suas memórias sobre quem é Jesus, enfatizando que ele não é o messias do poder e da glória, mas o seu messianismo passa pelo sofrimento e a cruz. Eis alguns pontos principais desse texto:

- 1. Quem é Jesus de Nazaré:** O evangelho apresenta Jesus como o Filho do Homem na figura do servo

sufredor, que veio conviver e libertar as pessoas empobrecidas, exploradas e excluídas pelo Império e seus colaboradores/as. Proclamou o reino de Deus para todas as pessoas, independente da etnia, da classe social, do gênero e da religião. A sua fidelidade ao projeto do reino da justiça e da fraternidade o levou a um confronto com os poderosos do seu tempo e, conseqüentemente, à cruz, mas Deus o ressuscitou.

- 2. O seguimento de Jesus:** Esse evangelho apresenta mulheres e homens que seguem Jesus desde a Galileia até Jerusalém, convivendo e aprendendo com ele. Dentro de suas limitações, esse grupo assumiu a causa do reino de Deus, que se fundamenta na justiça e na solidariedade, no meio das pessoas que estão à margem da sociedade, como mulheres, pobres, estrangeiros, crianças e doentes (1,31; 6,33; 8,1; 7,28; 10,13.52).

Conhecendo a estrutura do texto

O evangelho não é simplesmente um relato biográfico do que Jesus fez e ensinou, mas tem como objetivo dar continuidade ao seguimento de Jesus e de sua práxis no tempo em que o texto foi escrito. No século I, dominados pelo império romano, a situação da Galileia era de grande opressão, de um crescente empobrecimento e escravidão. Nela surgiram muitos movimentos de resistência, inclusive alguns defendiam a luta armada.

O movimento de Jesus era um desses movimentos de resistência, cuja proposta era organizar a multidão, tendo como características a compaixão e a solidariedade (6,34; 8,2; 9,22; 10,47-48). O poder é serviço: “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos” (9,35; 10,43-44).

Há diversas possibilidades de estruturar o evangelho de Marcos. Para uma visão de conjunto, optamos pela divisão em três partes seguindo o ministério de Jesus na Galileia e nos arredores, em seguida a caminhada para Jerusalém e os últimos acontecimentos em Jerusalém.

Eis um breve esquema:

- 1. Primeira parte (1,1-8,26): a atividade de Jesus na Galileia e nas regiões vizinhas.** Nesta etapa, temos a formação da comunidade que se encontra com Jesus em casa. A comunidade enfrenta vários problemas externos e internos, a saber: fome, doenças, individualismo, preconceito (1,34-44; 3,12; 5,43; 6,30-44; 7,36). Essa parte termina com a cura do cego de Betsaida (8,22-26), indicando que a comunidade precisa abrir os olhos para compreender que Jesus é o Messias-servo.
- 2. Segunda parte (8,27-10,52): a viagem para Jerusalém a partir da Galileia.** É um caminho para compreender e aprofundar Jesus como o servo sofredor com os três anúncios da Paixão (Mc 8,31-33; 9,33-37; 10,32-34). É uma catequese sobre o seguimento de Jesus na vida cotidiana da comunidade. Ao anunciar o “caminho da cruz”, Jesus combate e corrige os discípulos que aspiram poder e privilégio, que transparecem na figura do Messias poderoso como Davi. Os versículos finais apresentam a cura do cego Bartimeu (10,46-52). Uma vez curado, ele joga o manto, gesto que significa abandonar a visão de messias-rei.
- 3. Terceira parte (11,1-16,8): o ministério de Jesus em Jerusalém com a sua paixão, morte e ressurreição.** A prática libertadora de Jesus está em conflito com os poderes do mundo, por isso ele é condenado e morto como subversivo.

Mas Deus não abandona o justo (Sb 2,18) e o ressuscita (Sl 22). Essa parte termina com a ordem de voltar para a Galileia, o local onde Jesus começou e exerceu a maior parte de sua prática libertadora.

- 4. Acréscimo posterior (16,9-20).** Os versículos finais foram acrescentados tardiamente e apresentam uma síntese dos relatos das aparições de Jesus ressuscitado. Na origem, o evangelho era uma obra sem conclusão. A conclusão ficava a critério de quem lia esse relato... É preciso ter coragem para voltar à Galileia.

Chaves para a leitura do evangelho de Marcos

No evangelho de Marcos, seguimos os passos de Jesus e de seus discípulos desde a Galileia até Jerusalém. Uma caminhada difícil e incompreendida pelas autoridades da época – escribas e fariseus –, por seus discípulos e pelo povo. Há muitas cegueiras que necessitam da intervenção do próprio Deus para serem curadas. Que o Senhor da vida abra nossos olhos para continuarmos no seguimento de Jesus.

Neste subsídio, selecionamos alguns textos para compreendermos o que significa ser discípulo de Jesus hoje. Seguir Jesus é assumir o caminho do serviço, o que muitas vezes implica sofrimento. O convite continua em aberto: “Vinde em meu seguimento” (1,17). Eis o roteiro para a nossa jornada:

Primeiro encontro: a leitura de Mc 1,14-20 apresenta o grupo dos primeiros discípulos de Jesus, pessoas simples e exploradas que são chamadas para colaborar na construção do reino de Deus. O discipulado exige aprender de Jesus a se relacionar com os pobres e excluídos

do sistema político e religioso. Ainda hoje, mulheres e homens se colocam no seguimento de Jesus assumindo o mesmo projeto.

Segundo encontro: a partilha do “pão nosso de cada dia” (6,30-44). Diante da multidão, Jesus sente compaixão, pois “estavam como ovelhas sem pastor” (6,34). O texto apresenta a liderança de Jesus que ensina, convoca seus discípulos para organizar a multidão e realizar a partilha. Entrar no seguimento de Jesus exige superar a lógica do comércio, regida pela lei do lucro e do individualismo, e assumir a partilha e a solidariedade.

Terceiro encontro: uma das memórias sagradas para a comunidade é o encontro de Jesus com a mulher grega, siro-fenícia de nascimento. Mulher de palavra forte que convence Jesus a abrir-se para os povos estrangeiros: “Pelo que disseste, vai: o demônio saiu da tua filha” (7,29). O discipulado de Jesus exige superar fronteiras étnicas, geográficas, políticas, religiosas e de gênero.

Quarto encontro: juntamente com os discípulos de Jesus somos convocados e convocadas a responder quem é Jesus. Ele não é o Cristo glorioso, mas o servo que assume o serviço da justiça até a entrega de sua própria vida (8,27-38). Quem entra nessa escola de discipulado precisa estar disposto a dar testemunho do evangelho e assumir o mesmo caminho.

Quinto encontro: o relato de Mc 16,1-8 é um convite para superarmos a morte e experimentarmos a ressurreição: “Ressuscitou, não está aqui!”. Jesus Ressuscitado está vivo e presente em nosso meio. É preciso voltar à Galileia, que significa distanciar-se da instituição do Templo e refazer, com Jesus ressuscitado, a opção pelos crucificados da história. O seguimento de Jesus exige superar o medo e acreditar que Deus continua agindo

na história.

Que a leitura e a meditação do evangelho de Marcos sejam para nós e nossas comunidades um convite para renovarmos nossa fé e o nosso seguimento de Jesus na construção do reino de Deus. Que possamos deixar cair na terra do nosso coração a ordem de voltar para a Galileia.

Lembretes para as reuniões

Eis aqui algumas sugestões práticas para você preparar os encontros:

- Preparar bem o local do encontro; é importante que aconteça nas casas, pois será uma forma de reviver o espírito missionário das primeiras comunidades.
- Verificar a necessidade de providenciar, anteriormente, algum material para o encontro.
- A coordenadora, ou o coordenador, em todos os encontros, deve fazer uma acolhida carinhosa, dando especial atenção às pessoas que participam pela primeira vez.
- Se o encontro for numa casa, agradecer à família que acolhe o grupo.
- Motivar as pessoas a trazer sempre a Bíblia.
- Não é necessário responder todas as perguntas que são apresentadas no roteiro.
- Ver o DVD *No caminho de Jesus*. Uma chave de leitura para o evangelho de Marcos. Centro Bíblico Verbo e Verbo Filmes.

PRIMEIRO ENCONTRO



TEMA: O reino de Deus se constrói na vivência comunitária!

PERSONAGENS: Jesus, Simão, André, Tiago e João.

TEXTO: Mc 1,14-20.

PALAVRAS-CHAVE: evangelho, reino, seguimento, pescadores, redes e partiram.

PERSPECTIVA: Tomar consciência, comunitária e individual, de que somos convocadas/os para o seguimento de Jesus na construção de uma sociedade justa e solidária.

Vinde em meu seguimento, e eu farei de vós pescadores de homens. (Mc 1,17)

1. Preparar o ambiente

- Colocar alguns recortes de jornal ou revista que retratam a nossa realidade, por exemplo: casas, prédios, escola, local de trabalho, igrejas ou centros comunitários, trânsito, violência, entre outras.
- Escrever numa cartolina o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Com muita alegria, estamos aqui para nos espelhar na experiência da comunidade de Marcos e refletir sobre como dar continuidade ao convite de Jesus: “Vinde em meu seguimento”. Queremos entrar na escola de Jesus e assumir o projeto da construção do reino de Deus. Na certeza de que o Espírito de Deus está presente em nossa vida e missão, cantemos:

O Espírito do Senhor repousa sobre mim, o Espírito do Senhor me escolheu, me enviou.

Para dilatar o seu reino entre as nações. Para anunciar a Boa-nova a seus pobres. Para proclamar a alegria e a paz: exulto de alegria em Deus, meu salvador!

Para dilatar o seu reino entre as nações. Consolar os corações esmagados pela dor. Para proclamar sua glória e salvação e acolher quem sofre e chora, sem apoio, sem consolo.

Dirigente: Para que possamos nos sentir em casa e em comunhão entre nós, vamos nos apresentar e dizer qual a motivação que trazemos para esses encontros. *Tempo para as apresentações, em seguida fazer uma acolhida mútua com um abraço e com o desejo de boas-vindas.*

Dirigente: Como irmãs e irmãos, acolhamos a presença de Deus em nosso meio. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Dirigente: Neste tempo, vamos refletir e rezar o evangelho de Marcos buscando vivenciar o nosso seguimento a Jesus. Vamos acompanhar seus passos, ouvir seus ensinamentos e renovar a nossa opção cristã e nosso compromisso com a construção do reino de Deus.

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: José Aparecido mora no Parque Regina e lá participa de sua comunidade, onde dona Tereza atua como cozinheira nos diversos encontros da paróquia. Ele ficou indignado quando viu a precariedade da casa onde ela morava e disse aos jovens e a várias pessoas de sua comunidade: “Não podemos nos chamar de cristãos e de irmãos e permitir que uma pessoa que nos ajuda more num lugar tão indigno”. Ele conseguiu mobilizar algumas pessoas da comunidade, e algumas que nem participam da comunidade, para ajudar a construir uma moradia digna para dona Tereza, que morava numa favela.

Dirigente: A realidade de sofrimento e miséria vivida por tantas pessoas é um grito constante por justiça. Qual a nossa resposta à situação de sofrimento e miséria vivida pelas pessoas de nossa comunidade, de nosso bairro, de nossa cidade? *Tempo para partilhar.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: A partir de 63 a.C., os romanos dominaram a região da Palestina. Nesse período, au-

mentou a escravidão, o comércio e a exigência de vários impostos. Para os judeus, a situação se tornou ainda mais difícil, pois havia o sistema religioso do templo com as leis do puro e do impuro, bem como a exigência de vários dízimos. A opressão econômica e política provocaram várias revoltas, que foram duramente reprimidas pelo império romano. A região mais devastada foi a Galileia. No norte dessa região, por volta do ano 70 d.C., a comunidade de Marcos estava tentando seguir o projeto de Jesus de Nazaré: a construção do reino de Deus. Ela recorda o início da caminhada com a reunião do primeiro grupo de discípulos.

5. Leitura do texto

Dirigente: Ao longo da história do cristianismo, mulheres e homens se sentiram chamadas/os para ajudar na construção do reino de Deus. Na certeza de que Deus conta com a nossa colaboração, aclamemos a Palavra de Deus, cantando:

Eis me aqui, Senhor!
Eis me aqui, Senhor!
Pra fazer tua vontade, pra viver do teu amor.
Pra fazer tua vontade, pra viver do teu amor.
Eis me aqui, Senhor!

O Senhor é o pastor que me conduz
Por caminhos nunca vistos me enviou
Sou chamado a ser fermento, sal e luz
E por isso respondi: aqui estou!

Leitora ou leitor 3: Ler Mc 1,14-20.

Dirigente: *Para conversar.*

- a) O que é o reino de Deus?
- b) O que significa o chamado de Jesus aos pescadores: “Vinde em meu seguimento, e eu farei de vós pescadores de homens”?
- c) Como os primeiros discípulos respondem ao chamado de Jesus?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: O chamado de Jesus acontece na atividade cotidiana, por exemplo, os pescadores, um dos grupos mais explorados da época. São pessoas chamadas para ajudar na concretização do reino de Deus, que se constrói na solidariedade entre as pessoas e os povos, particularmente entre os mais empobrecidos e esquecidos da sociedade. O mesmo chamado continua ecoando em nossos ouvidos. Seguir Jesus e o seu compromisso com a justiça continua sendo o maior desafio para a vida cristã.

- a) Qual a minha vocação na Igreja?
- b) Quais “as redes” que precisamos deixar para seguir Jesus?
- c) Como nós e nossas comunidades estamos colaborando para que o reino de Deus aconteça entre nós?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Podemos olhar os recortes de jornal que temos à nossa frente e contemplar um pouco da realidade que vivemos. Depois de alguns instantes de silêncio, cada pessoa poderá fazer a sua oração. *Concluir este momento com a oração do Pai-nosso.*

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Mc 6,30-44, e quem puder leia as orientações em preparação ao segundo encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, pedir ajuda a uma pessoa próxima.

- Distribuir as tarefas, combinar a data e o local da próxima reunião.

9. Gesto concreto

- Visitar uma pessoa de nossa comunidade ou de nosso bairro que enfrenta dificuldades. É o contato com a realidade do outro que suscita em nós gestos de solidariedade.

10. Bênção final

Dirigente: Que a presença de Deus em nossa vida e missão nos ajude a vivermos os valores do Reino. Que a bênção de Deus pai e mãe nos acompanhe hoje e sempre.

Todas/os: Amém.

Orientações para o primeiro encontro

Situando o texto: O domínio romano em Israel

Israel: terra de muitas memórias e muitos nomes. Antes da formação de Israel, essa terra se chamava Canaã e era habitada por cananeus. Israel foi o nome atribuído pelas tribos que se formaram na região. Mais tarde, Israel designava a região norte como reino do norte, e o reino do sul recebeu o nome de Judá. No período da dominação romana, no tempo de Jesus e das primeiras comunidades,

ela recebeu o nome de Palestina, conhecida também como terra santa ou terra prometida.

A extensão territorial dessa terra é de aproximadamente 20.000 km², pouco menor do que o estado de Sergipe. Por ser um importante corredor comercial entre o Oriente e o Ocidente, Israel sempre foi alvo de disputa entre os grandes centros políticos. Desde 63 a.C., os romanos dominaram essa região. As províncias da Galileia, da Pereia, da Idumeia e da Judeia passaram a pagar tributos para o Império. Essa situação gerou muitas revoltas, principalmente na Galileia, uma das regiões mais exploradas por ser grande produtora agrícola e pecuária. Porém, qualquer revolta dentro do Império era terminantemente sufocada. Várias cidades da Galileia foram destruídas, arrasadas e incendiadas, e suas populações foram vendidas como escravas ou mortas. A região de Israel representava apenas 1% do território romano, e havia 8% das tropas do exército romano acampadas na região.

Em torno do ano 40 a.C., por sua fidelidade às políticas de paz de Augusto, Herodes Magno foi reconhecido como rei dos judeus, exercendo o governo de forma tirânica e opressora. Seguindo o exemplo do Imperador Augusto, Herodes reconstruiu várias cidades, por exemplo, fundou, no lugar de Samaria, a antiga capital do norte, Sebaste – tradução grega de Augusto. Nessa cidade havia um grande teatro e um templo dedicado ao Imperador. No reinado de Herodes, várias cidades helenísticas foram reconstruídas ou revitalizadas, entre elas, Cesareia, em homenagem a César Augusto. A fronteira oriental do seu reino, inclusive a fortaleza de Massada, foi reforçada.

A cidade de Jerusalém não podia ficar de fora. Herodes gastou enormes quantias de dinheiro com as construções da cidade, principalmente com o templo, que foi totalmente reconstruído. Esta reforma terminou

pouco tempo antes da guerra judaica (66-73 d.C.). Devia ser uma construção suntuosa, pois a beleza e o esplendor desse templo permaneciam no imaginário das primeiras comunidades cristãs (cf. 13,1-2; Mt 24,1; Lc 21,5-7). Foram criados inúmeros impostos por causa dos gastos com essas obras, os quais pesavam sobre a população camponesa.

O sistema de fiscalização de impostos, implantado por Herodes e seus partidários, era muito rígido. A maioria dos judeus considerava o pagamento dos impostos um absurdo. O povo tinha que pagar para os romanos o imposto sobre 25% das colheitas, dedicar um tempo de trabalho forçado para as tropas e pedágio para a circulação de pessoas e mercadorias. Além do sistema dos romanos, existiam os impostos do templo, que exigia o imposto pessoal, estipulado em um denário – o equivalente à diária de um trabalhador. Havia também a exigência de vários dízimos, como, por exemplo, das colheitas, a parte destinada aos pobres e, a cada sete anos, o produto referente a um ano de trabalho.

A opressão econômica se tornou insustentável. Surgiram muitos focos de revolta. Porém, o controle de Herodes Magno era muito rígido e a maioria dos protestos era sufocada. Após a morte de Herodes Magno, a Palestina foi dividida em três regiões ou províncias. Herodes Antipas (4 a.C. a 39 d.C.) foi reconhecido como tetrarca da Galileia e da Pereia ou Transjordânia do Sul, Filipe assumiu a Transjordânia do Norte, e Arquelau ficou com o governo da Judeia e da Samaria.

Na tentativa de agradar ao povo judeu e ao império romano, Herodes Antipas empreendeu grandes construções conforme os padrões helenísticos, como a reconstrução de Séforis e a fundação da cidade de Tiberíades, em 19 d.C., transformando-a em capital de sua província. A maioria da população de Tiberíades era constituída

de gentios. Na cidade havia teatros, banhos públicos e estádios. A cidade estava situada entre o Mar da Galileia e Cesareia, no Mediterrâneo. Aí se falava o grego, o aramaico e o latim.

Herodes Antipas chegava a receber em torno de 200 talentos por ano, o equivalente a 1.200.000 denários referentes ao imposto da pesca. A moeda era necessária para o pagamento dos impostos e a compra de produtos e serviços (Mc 12,15-17). Cresceu o número de pessoas endividadas e escravizadas. Uma pequena minoria, cerca de 5%, esbanjava luxo, mas a maioria experimentava pobreza, miséria e fome. Um dos grupos mais explorados era o dos pescadores. Não é por acaso que os primeiros discípulos de Jesus surgem desse grupo. É nesse contexto que precisamos ouvir a boa nova da chegada do reino de Deus.

Comentando o texto: Mc 1,14-20 – O reino de Deus está próximo

Após a prisão de João Batista, Jesus começa a pregação do evangelho, a boa nova do Deus da vida. A sua atividade começa na periferia e não em Jerusalém, capital e centro da vida social, política e religiosa de Israel. A Galileia era uma região desprezada pelos judeus de Jerusalém. É aí que Jesus anuncia a proximidade do reino de Deus. Ele não foi o primeiro a falar do reino de Deus, já era algo conhecido e esperado por seus ouvintes. Em Mc 15,43, o relato afirma que “José de Arimateia, ilustre membro do Conselho, que também esperava o reino de Deus”.

Mas o que é o reino de Deus? O reino de Deus é um mistério que Jesus revela aos seus discípulos (4,11-12). O reino de Deus não crescerá somente com o esforço humano, mas é uma força escondida que atua na história:

“Acontece com o reino de Deus o mesmo que com o homem que lançou a semente na terra: ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como” (4,26).

A espera do reino de Deus era muito intensa no tempo de Jesus: “Em verdade vos digo que estão aqui presentes alguns que não provarão a morte até que vejam o reino de Deus, chegando com poder” (9,1). A condição para entrar no reino de Deus é a simplicidade e o abandono: “Deixai as crianças virem a mim. Não as impeçais, pois delas é o reino de Deus. Em verdade vos digo: aquele que não receber o reino de Deus como uma criança não entrará nele’. Então, abraçando-as, abençoou-as, impondo as mãos sobre elas” (10,14-16). A confiança e o abandono são contrários à autossuficiência (10,23-25). O reino de Deus é a presença de Deus atuando na história e “não consiste em comida e bebida, mas é justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rm 14,17).

Da mesma forma que João Batista, Jesus também chama o povo para arrepender-se, cujo sentido literal é “fazer a volta” ou “mudar o coração”. A pregação de João aponta para o julgamento, ao passo que o anúncio de Jesus é uma promessa: ele apresenta a chegada do reino de Deus. O convite de Jesus: “Arrependei-vos e crede no evangelho” pode representar a mais antiga pregação da comunidade cristã. Arrependimento e fé são elementos constantes na pregação do evangelho.

A concretização do reino de Deus exige pessoas que sejam capazes de se comprometer com o projeto. Caminhando ao longo do mar da Galileia, Jesus convida alguns pescadores de Cafarnaum para segui-lo. Marcos apresenta duas narrativas breves: na primeira, Jesus vê Simão e André em sua atividade cotidiana e os convoca (1,16-18); na segunda, ele vê outros dois irmãos: Tiago e João, filhos de Zebedeu. Eles também estavam no barco,

consertando as redes. Jesus os chama. Ambas afirmam que eles seguiram Jesus imediatamente.

Conforme o costume do tempo de Jesus, o discípulo é que deveria procurar um outro mestre e segui-lo até o momento de se tornar um mestre. O chamado de Jesus é muito diferente. Os que são convocados interrompem sua atividade habitual, bem como suas obrigações familiares, para entrar numa escola permanente. Eles seguem Jesus sem objeção alguma e assumem o discipulado permanente, dando continuidade à missão de Jesus.

Romper os laços com a família, amigos, vizinhos e seguir uma vida de pregador era considerado uma atitude anormal. Na Antiguidade, o abandono do trabalho e das ferramentas era muito difícil. O verbo seguir, *akolouthéo*, em geral, é aplicado para o seguimento de Jesus. Nesse texto, Marcos quer, acima de tudo, ressaltar a prontidão com a qual os primeiros chamados seguem Jesus. É claro que os convocados já deviam ter outras informações sobre quem era Jesus. Em todos os tempos, é preciso fazer rupturas para seguir Jesus. E hoje, quais as rupturas necessárias para o nosso seguimento?

Aprofundando: “Vinde em meu seguimento!”

O discípulo ou a discípula é quem segue um mestre. É uma pessoa que está disposta a aprender e dar continuidade criativa ao ensinamento recebido. É ir atrás de alguém e abraçar os mesmos ideais sendo fiel até o fim. Nos evangelhos, Jesus convida algumas pessoas para segui-lo: “E imediatamente, deixando as redes, eles o seguiram” (1,18). A dificuldade para seguir Jesus não é o deixar tudo, mas é assumir o caminho da cruz: “Tome a sua cruz e siga-me” (8,34b). Tomar a cruz é estar disposto para a morte, o que só é possível quando há liberdade interior e total entrega ao discipulado.

A palavra grega para seguimento é *akoloutheo* e só aparece nos evangelhos e em Atos dos Apóstolos. O sentido literal é “ir atrás” e nem sempre inclui o ato de se tornar discípulo, por exemplo, em Mc 10,32b, lemos: “Estavam assustados e acompanhavam-no com medo”. Em geral, quando se dirige a indivíduos recebe uma conotação especial. Na boca de Jesus, sempre aparece como ordem: “Vinde em meu seguimento” (1,17). Em geral, a resposta da pessoa que é chamada é traduzida em atitude de prontidão: “E imediatamente, deixando as redes, eles o seguiram”, ou: “E eles, deixando o pai Zebedeu no barco com os empregados, partiram em seu seguimento” (1,18.20).

No evangelho de Marcos, Jesus aparece ensinando às multidões, e ensina com autoridade própria, diferente dos escribas (cf. 1,21-22). Mas qual é o conteúdo de seu ensinamento? A sua maneira de ensinar é explicada com gestos concretos: ele não condiciona a ação de Deus às leis do puro e do impuro. A sua ação ajuda as pessoas a “levantar-se” (1,31; 2,10). E aí vem mais uma lição do mestre: ele chama um cobrador de impostos para segui-lo. Os cobradores de impostos eram pessoas odiadas pelo povo e tidas como impuras (2,15).

Assumir o discipulado de Jesus implica relacionamento contínuo com ele. Em geral, o discípulo de um mestre passava um período de tempo ao lado do mestre até adquirir autonomia e se tornar um mestre. Quem assume o seguimento de Jesus não tem formatura: será sempre discípulo. Da mesma forma que o próprio Deus no Antigo Testamento chamou os profetas, Jesus chamou os discípulos, não ficou esperando por voluntários que o procurassem, mas ele tomou a iniciativa e foi ao encontro das pessoas.

Jesus chama e indica a proximidade do reino de Deus. Eles são chamados para o serviço do Reino: cons-

trutores do reino. Assim, o discípulo participa da mesma missão de Jesus: “Chamou a si os que ele queria, e eles foram até ele. E constituiu os Doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar, e terem autoridade para expulsar os demônios” (3,13-15). O discípulo é chamado para aprender com Jesus e, ao mesmo tempo, anunciar. É um constante ir e vir. Ainda hoje, o que sustenta a caminhada de discipulado é o encontro pessoal com o Mestre e a missão, espaço onde aprendemos com o povo a exercer a compaixão.

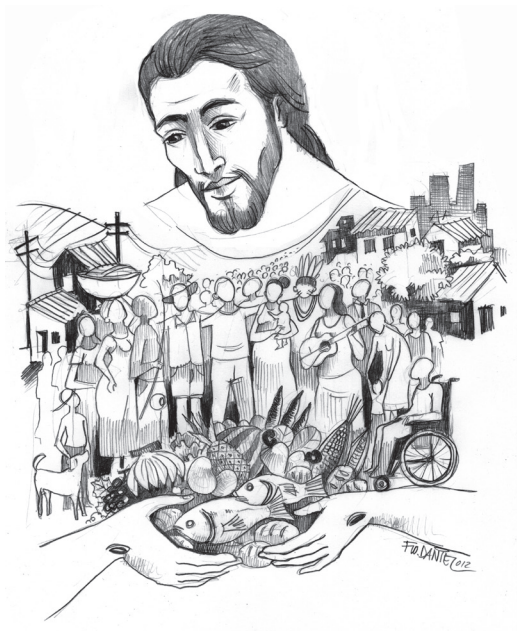
Ao passar às margens do mar da Galileia, Jesus vê duas duplas de irmãos e lança o desafio: “Vinde em meu seguimento”. Nesse ponto, Jesus é um líder muito diferente dos mestres e escribas do judaísmo. Não existem histórias de mestres convocando discípulos. Moisés, os reis, os homens de Deus e os profetas não chamam pessoas para segui-los. O chamado é para caminhar conforme os estatutos de Deus (Dt 5,29-31). Porém, Jesus chama os quatro para segui-lo. A única história de chamado no Antigo Testamento é o relato de Elias, que chama Eliseu (1Rs 19,19-21). Mesmo assim, há diferenças, pois Elias permite que Eliseu volte à sua casa para se despedir de seus pais, o que Jesus não permite (cf. Lc 9,57-62).

O chamado dos quatro pescadores e o de Levi não estão enraizados na Torá, nem mesmo no nome de Deus, mas unicamente na autoridade messiânica de Jesus. Não são os discípulos que procuram por Jesus, mas, ao contrário, é Jesus que procura por eles. Qual a segurança de seguir Jesus? Nenhuma (Lc 9,58). É um risco, um ato de fé baseado na palavra de Jesus e em sua pessoa.

O discipulado de Jesus é para o serviço: “E eu farei de vós pescadores de homens” (1,17). Os discípulos têm dificuldade de compreender o chamado de Jesus (8,14-21), de vigiar, de seguir e sofrer perseguição por causa de Jesus (13,13; 14,37). É um chamado que exige entrega

total, é pensar mais o projeto de Deus do que os seus próprios (8,33). A meta é servir, “pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (10,45). Jesus é o modelo para os seus seguidores.

SEGUNDO ENCONTRO



TEMA: A partilha do “pão nosso de cada dia”!

PERSONAGENS: Apóstolos/discípulos, Jesus e a multidão.

TEXTO: Mc 6,30-44.**PALAVRAS-CHAVE:** Deserto, viu, multidão, compaixão, comprar, dar, convivas, pão e peixe.

PERSPECTIVA: Compreender que o discípulo ou discipula de Jesus não podem ficar alheios aos problemas de sobrevivência do povo, é preciso abrir-se à compaixão e à solidariedade.

Dai-lhes vós mesmos de comer. (Mc 6,37a)

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela, flores e pães.
- Escrever em uma cartolina o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciemos nosso encontro celebrando a presença de Deus em nossa caminhada. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Dirigente: No encontro anterior, com a comunidade de Marcos, retomamos os primeiros passos do projeto de Jesus. Vamos fazer memória do que nós aprendemos no primeiro encontro. *Tempo para a partilha.*

Dirigente: No encontro de hoje, queremos acompanhar os gestos de Jesus, dos discípulos e da multidão. Não é somente a liderança que tem a solução para as dificuldades do povo. Na comunidade, é preciso sempre ver como podemos colaborar na solução dos problemas que enfrentamos. Que a compaixão esteja sempre presente em nossas atitudes. Com alegria, cantemos: (*Se preferir, o grupo poderá escolher outro cântico.*)

A ti, meu Deus, elevo meu coração, elevo as minhas mãos, meu olhar, minha voz. A ti, meu Deus, eu quero oferecer meus passos e meu viver, meus caminhos, meu sofrer.

A tua ternura, Senhor, vem me abraçar. E a tua bondade infinita me perdoar. Vou ser o teu seguidor e te dar o meu coração, eu quero sentir o calor de tuas mãos.

A ti, meu Deus, que és bom e que tens amor ao pobre e ao sofredor, vou servir e esperar. Em ti, Senhor,

humildes se alegrarão, cantando a nova canção, de esperança e de paz.

Dirigente: Alguém tem alguma experiência para contar sobre o gesto proposto no encontro anterior? *Depois da partilha, encerrar com o refrão de um canto proposto pelo grupo.*

Dirigente: Vamos ler o tema do encontro de hoje.

Todas/os: A partilha do “pão nosso de cada dia”!

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Em uma paróquia do interior do Rio de Janeiro, uma senhora, moradora de rua e, provavelmente, com problema mental, costumava frequentar a missa e sempre ficava andando de um lado para o outro. Muitas pessoas reclamaram, e o padre, sem saber o que fazer, foi falar com a mulher e lhe disse: “Se a senhora ficar quieta, depois da celebração eu lhe dou uma bênção”. Nesse momento, disse ele, os olhos dela brilharam, e ela exclamou: “Uma bênção, padre, é tudo o que eu quero”. Durante a celebração, a mulher ficou atenta e sempre no mesmo banco.

Passados alguns dias, lá estava a mulher novamente. Na hora da consagração, ela se aproximou e colocou algo debaixo do altar. Sem ver o que era, o padre pensou: “É hoje que eu vou brigar com esta mulher”. Após a missa, o padre foi logo dizendo: “Como a senhora coloca lixo no altar do Senhor?!”. “Não, não era lixo, não, era água para o senhor abençoar e eu levar para as pessoas que moram debaixo da ponte”, respondeu a senhora. Sem jeito, o padre disse: “Com quem você aprende essas coisas?”. Ela apenas respondeu: “Não é o senhor que vive dizendo que é para a gente partilhar?”.

Dirigente: É muito fácil olharmos uma pessoa e julgarmos pela aparência. Ao aproximar-se da mulher, o padre percebeu a sua religiosidade e, ao mesmo tempo, seu desejo de levar Deus para outras pessoas. Somos capazes de nos aproximarmos das pessoas que estão ao nosso redor ou ficamos presos em nossos pré-julgamentos? Como vivemos a partilha em nossa vida? *Espaço para a partilha. Encerrar este momento com o refrão de um cântico.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: A dominação romana, com seu processo de criação de cidades e desenvolvimento comercial, trouxe grande desenvolvimento para a região da Galileia. Porém, a nova ordem social, com o poder do “dinheiro”, prejudicou, especialmente, os camponeses, enfraquecendo a organização das aldeias e a justa distribuição da terra. Muitos camponeses endividados perderam suas terras e se tornaram arrendatários ou diaristas (cf. Mt 20,1-9). A constante exploração das aldeias gerava pobreza, miséria e fome. Na década de 50, para piorar a situação, uma grande seca devastou a Palestina e aumentou a fome e a morte. Muitas pessoas perderam suas terras e ficaram perambulando pelas ruas. Para atender os pobres e prosseguir o projeto do reino de Deus, a comunidade de Marcos conta e reconta a história de Jesus com os famintos.

5. Leitura do texto

Dirigente: Queremos abrir nosso coração para acolhermos a Palavra de Deus e deixar que ela produza frutos em nossa vida. Que o Espírito Santo nos ajude a

partilhar o pão da Palavra e o “pão nosso de cada dia!”. Cantemos: ***Pão em todas as mesas, da Páscoa a nova certeza: a festa haverá, e o povo a cantar aleluia! (bis)***

Leitora ou leitor 3: Ler Mc 6,30-44. *Se o grupo preferir, a leitura poderá ser feita em forma de diálogo.*

Dirigente: *Para conversar.*

- a) Qual a atitude de Jesus e a dos apóstolos diante da situação povo faminto?
- b) A partir do texto que lemos, como a comunidade responde à pergunta central do evangelho: quem é Jesus?
- c) Comente a afirmação: “Viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas” (Mc 6,34).

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Jesus e os apóstolos estão envolvidos com os problemas do povo. No deserto, há um povo faminto e explorado pelo império romano e seus colaboradores. Jesus foi tomado de compaixão, o que significa dizer que ele sentiu a partir das entranhas a situação do povo. O povo está sem comida e sem liderança. É possível anunciar o Evangelho onde falta a comida?

- a) O problema da multidão é a fome e a falta de liderança. A solução não está com Jesus ou os apóstolos, mas no meio do povo. Qual a nossa participação na busca de soluções para as dificuldades que existem em nossa comunidade ou em nosso bairro?

- b) Como nos sentimos diante das dificuldades das pessoas que vivem ao nosso redor?

7. Celebrando a vida

Dirigente: O texto da partilha dos pães propõe uma mudança de mentalidade: não se trata de comprar, mas de dar: “Dai-lhes vós mesmos de comer”. Era costume em toda família judaica o pai abençoar a comida antes da refeição. Jesus realiza esse gesto. Vamos recordar o gesto de Jesus: “Abençoou, partiu os pães e deu-os aos discípulos para que lhos distribuíssem”. Nesse momento, podemos abençoar os pães que temos e realizar a partilha. *Espontaneamente, as pessoas poderão expressar o que elas desejam compartilhar.*

Dirigente: Vamos renovar o nosso compromisso com o projeto de Jesus. De mãos dadas, rezemos: *Pai-nosso...*

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Mc 7,24-30, e quem puder leia as orientações em preparação ao terceiro encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, pedir ajuda a uma pessoa próxima.

- Distribuir as tarefas, combinar a data e o local da próxima reunião.

9. Gesto concreto

Identificar algumas pessoas que enfrentam dificuldades em nossa comunidade ou em nosso bairro e ver como podemos, comunitariamente, compartilhar deste momento.

10. Bênção final

Dirigente: Vamos fazer um círculo e colocar nossas mãos nos ombros das pessoas que estão ao nosso lado. Que possamos ser sensíveis à realidade das pessoas com as quais convivemos. Que o Deus que é pai e mãe derrame sobre nós a bênção da compaixão.

Todas/os: Amém.

Orientações para o segundo encontro

Situando o texto: os pobres no império romano

No fim do século I e inícios do século II da nossa era, vemos a seguinte reivindicação nos oráculos sibilinos: “A terra pertencerá igualmente a todos, sem divisões de muros ou cercas. Produzirá, então, frutos mais abundantes espontaneamente. A vida será em comum e não haverá divisão de riqueza. Pois não haverá mais pobres nem tiranos nem escravos. Além disso, ninguém será maior nem menor. Não haverá reis nem líderes. Todos viverão juntos e iguais” (2.319-324). O sonho de uma nova sociedade fazia parte da mentalidade apocalíptica da época. É a realidade de injustiça, de exploração e de empobrecimento que faz desejar um Deus que estabeleça a justiça e a igualdade.

Nas entrelinhas do evangelho de Mt 20,1-9 e de tantos outros textos dos evangelhos constatamos um processo crescente de injustiça e empobrecimento. Muitos camponeses se tornaram arrendatários ou diaristas. Cresceu o desemprego, e muitas pessoas ficavam perambulando à espera de serem contratadas. A comercialização e a urbanização trouxeram riquezas e desenvolvimento para a região da Galileia. No entanto, a urbanização enfraqueceu a organização das aldeias e

a justa distribuição de terras. O dia a dia das pessoas era de pobreza, fome e sofrimento.

A situação dos pobres complicou ainda mais por causa da cultura religiosa da época. De acordo com a mentalidade grega, os pobres eram considerados vagabundos ou pessoas que não foram favorecidas pelas divindades. Os romanos, seguindo a mesma mentalidade grega, acreditavam que o trabalho era próprio dos escravos. Para impedir que houvesse qualquer tipo de revolta, havia o sistema do clientelismo, também conhecido como patronato. Esse sistema mantinha a situação de injustiça.

O clientelismo era baseado nas relações de troca. Alguém do estrato superior beneficiava a uma pessoa do estrato inferior, que se tornava cliente de seu benfeitor. O prestígio e a honra de um cidadão eram medidos a partir do número de clientes que ele possuía. Esse sistema não tinha como objetivo favorecer os pobres, mas garantir a submissão. Por sua vez, o cliente tinha várias obrigações com o seu patrono, como, por exemplo, estar presente nos banquetes patronais, acompanhar seu patrono nas aparições públicas, como também aplaudir os discursos do patrão. No império romano, a ingratidão de um cliente ao seu patrono era considerada pior do que roubo e homicídio. Hoje diríamos numa linguagem popular que é o bajulador ou o puxa-saco, com a diferença de que essa relação estava presente em todos os setores da sociedade.

Na cultura judaica, a partir da consolidação da teologia da retribuição no exílio e no pós-exílio, a pobreza constantemente era associada com castigo de Deus. De acordo com essa teologia, Deus recompensava uma pessoa justa com vida longa, riqueza e descendência. O caminho da sabedoria era seguir a Lei, assim afirma o livro dos Provérbios: “Em sua direita: longos anos; em sua esquerda: riqueza e honra. Seus caminhos são deliciosos, e os seus filhos são prosperidade” (Pr 3,16-17).

No século I havia muitas pessoas pobres e doentes. A cegueira era comum, podendo ter causa hereditária, ou ser consequência de má alimentação ou falta de higiene. Uma pessoa com lepra era considerada morta. Qualquer doença de pele, contagiosa ou não, era classificada como lepra. Havia muitas pessoas aleijadas, epiléticas ou hidrópicas. Doenças mentais e psíquicas eram associadas com o demônio, por exemplo, os casos de mudez, surdez, epilepsia, esquizofrenias e até mesmo a depressão ou falta de motivação.

No tempo de Jesus e das primeiras comunidades, as leis referentes à pureza marginalizavam os doentes leprosos (Lv 13; 14). Todos os líquidos que saíam do corpo humano relacionados com a reprodução provocavam impureza. A pessoa impura estava excluída da participação social. Havia muitas pessoas à margem da sociedade e, para piorar a situação de sofrimento, sentiam-se abandonadas por Deus: “Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados” (1,32).

Uma pessoa doente era vista como alguém castigado por Deus por causa de algum pecado. Essa mentalidade ainda estava presente no fim do século I. No evangelho de João, lemos: “Ao passar, Jesus viu um homem cego. Os seus discípulos lhe fizeram a seguinte pergunta: ‘Rabi, quem pecou para que ele nascesse cego, ele ou seus pais?’” (Jo 9,1; cf. Ex 20,5). Pobreza, doença física ou mental eram consideradas pela religião oficial como consequências do castigo de Deus ou da presença de espíritos impuros ou demônios que possuíam a pessoa (Mc 9,14-29; Lc 13,10-13).

Ser pobre significava não ter existência social. A situação de opressão e escravidão deu origem a vários movimentos proféticos e messiânicos. Entre os quais podemos situar o de Jesus. A sua proposta de reino Deus

atraiu pessoas que se encontravam sem reino. Mulheres e homens que perderam suas terras. Por isso, Jesus proclama: “Felizes vós, os pobres, porque é vosso o reino de Deus. Felizes vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados” (Lc 6,20b-21a). Os desapossados viviam numa situação de indigência. A realidade de injustiça social era gritante. Muitas pessoas viram na proposta de Jesus uma possibilidade de resgatar sua condição de vida digna, e assumir o seu projeto representava busca de justiça.

A contínua exploração das províncias dominadas pelos romanos gerava pobreza, miséria e fome. A escravidão aumentou. Havia meeiros, diaristas, pastores, pequenos artesãos, pescadores, agricultores, entre outros. A pessoa que precisava trabalhar para sobreviver não era considerada livre nem possuía cidadania. E onde estava a liderança do povo? Preocupada em manter seus interesses e privilégios. É a partir dessa realidade que podemos ler o texto da multiplicação dos pães e ver que a proposta de Jesus é a organização da multidão e a partilha. É um convite a ultrapassar a lógica do comprar e assumir a lógica do dar.

Comentando o texto: Mc 6,30-44 – O banquete da vida!

Sempre que retornamos de uma atividade missionária, nosso primeiro gesto é partilhar as alegrias e as dificuldades com as pessoas com as quais convivemos e amamos. Assim aconteceu com os apóstolos: Jesus os enviou em missão (6,7) e na volta eles se reuniram com o mestre e relataram seus feitos e ensinamentos (6,30). Certamente, uma descrição carregada de emoção e de grande entusiasmo.

Diante da movimentação, do constante ir e vir das pessoas, Jesus convida os apóstolos para irem a um lugar

deserto e descansar um pouco. Deserto é lugar de refazer as energias, de encontro consigo mesmo e com Deus. O próprio Jesus tinha o costume de se retirar para um lugar deserto nos momentos de dificuldade, ou para pensar sua vida e sua missão, ou mesmo para rezar ou se proteger (1,12-13.35.45). E além do mais, deserto lembra a saída dos escravos do Egito rumo à liberdade.

Jesus e os apóstolos estão envolvidos com a multidão: “não tinham tempo nem de comer” (6,31). No relato anterior, lemos: “a multidão se apinhou, de tal modo que eles não podiam se alimentar” (3,20). A proposta de se retirar para o deserto não deu certo, pois a sede e a necessidade da multidão são grandes, a ponto de o relato dizer que “muitos correram para lá a pé, e chegaram antes” (6,33). A necessidade de sobrevivência nos faz empregar todos os meios para conseguirmos nossos objetivos.

A multidão está no deserto. Ao desembarcar, Jesus vê a multidão e é tomado de compaixão por ela. A compaixão é um sentimento que vem das entranhas (Os 11,8). É uma sensação tão intensa que é impossível expressar com palavras, mas somente com gestos. O que Jesus vê? A multidão sozinha, desarticulada e sem perspectivas: “como ovelhas sem pastor” (6,34). Em Números 27,17, Moisés pede que Javé estabeleça um novo líder do povo, “para que a comunidade de Javé não seja como um rebanho sem pastor”.

Na voz de Miqueias de Jemla e outros profetas, ouvimos a denúncia contra as autoridades do povo que não cuidaram do seu rebanho (cf. 1Rs 22,17; Ez 34,3-4; Jr 23,1-2; Zc 10,2). Os governantes do povo pensam unicamente em seus próprios interesses, como vemos no banquete de Herodes (6,17-29). Jesus, ao contrário, está no meio da multidão e sua compaixão nasce do contato com a realidade. Ele vê e sente. O ver de Jesus, como o ver de Deus, tem consequências práticas: ele ensina.

Os apóstolos, agora chamados de discípulos, também estão preocupados com a multidão, porém eles têm outra lógica. Eles sugerem que Jesus mande a multidão embora para que cada um compre para si o que comer (6,36). Porém, Jesus chama-os à responsabilidade: “Dai-lhes vós mesmos de comer”. Os discípulos, presos à lógica do mercado, perguntam: “Iremos e compraremos duzentos denários de pão para dar-lhes de comer?” (6,37). Eles não entendem nada e fazem as contas para ver o quanto gastariam. Trata-se de uma estimativa apenas, pois não havia possibilidade alguma de comprar. Denário era a moeda romana, o pagamento de um dia de trabalho era um denário (Mt 20,9.10.13; Mc 14,5).

Os discípulos apresentam a Jesus o problema: a fome da multidão. Jesus não apresenta uma solução pronta, nem mesmo resolve o problema num passe de mágica. Ao contrário, ele desafia os discípulos a buscarem caminhos no meio do povo: “Quantos pães tendes? Ide ver”. O que eles tinham era muito pouco, é quase nada: “cinco pães e dois peixes”, o suficiente para uma refeição diária de uma pessoa pobre.

A ordem de Jesus é para que os discípulos organizassem o povo em grupos de convivas. A grama verde recorda o tema do pastor: “em verdes pastagens me faz repousar” (Sl 23,2). O povo é organizado em grupos de cem e de cinquenta. Essa maneira de se organizar remonta ao tempo das tribos ou mesmo às formações para as grandes batalhas (cf. Ex 18,21.25). O cenário mudou: a multidão não está mais dispersa, mas reunida e organizada. Parece que o texto aponta para a liderança de Jesus que, juntamente com seus discípulos, conduz o povo.

Depois do diálogo entre Jesus e seus discípulos, o ponto central é o gesto de Jesus: “Tomando os cinco pães e os dois peixes, elevou ele os olhos ao céu, aben-

çoou, partiu os pães e deu-os aos discípulos para que
lhos distribuíssem. E repartiu também os dois peixes
entre todos” (6,41). Essa cena é narrada em todos os
evangelhos (Mt 14,13-21; Lc 9,10-17; Jo 6,1-13). Mateus
e Marcos apresentam duas narrativas da multiplica-
ção dos pães (Mt 15,32-39; Mc 8,1-10). O gesto de Je-
sus foi muito significativo e provocou a meditação em
vários grupos. Observe que Jesus, em vez de realizar
a partilha, impulsiona seus discípulos para que façam
a partilha do pão. Este é o principal ensinamento de
Jesus: a partilha e a solidariedade. A vida cristã é um
chamado constante à partilha: “Dai-lhes vós mesmos
de comer!”.

Novamente o número doze recorda o projeto ideal
das tribos. No deserto, Deus alimentou o seu povo (Ex
16,8.12.23). O ensinamento do livro do Êxodo é a provi-
dência de Deus ao cuidar de seu povo. No deserto, o povo
vivenciou um novo relacionamento com Deus. Segundo
Marcos, o agir de Jesus reflete o cuidado de Deus com
o seu povo.

Cinco mil homens foram alimentados! (6,44) E
onde estão as mulheres e as crianças? É preciso recor-
dar que elas também fazem parte do movimento de
Jesus, e a descrição visibiliza apenas os homens. De
qualquer forma, cinco mil era um número maior que
a população de quase todas as cidades da região. No
mundo judaico, comer junto significava compartilhar
os mesmos ideais, valores e posição social. É possível
que o relato da multiplicação dos pães tenha sido cons-
truído a partir de 2Rs 4,42-44, no qual o profeta Eliseu
multiplica vinte pães para cem pessoas. Dessa forma,
o texto quer indicar que Jesus é maior do que Moisés
e do que Eliseu. No banquete de Jesus, diferente do
banquete de Herodes, todos ficam saciados. Há novas
perspectivas de vida. Ninguém é excluído.

Aprofundando: “Dai-lhes vós mesmos de comer”

A ordem para realizar a partilha continua desafiando a comunidade cristã para superar a lógica individualista do mercado, regida pela lei do lucro. A memória de Jesus e seus discípulos organizando a multidão e do triunfo da partilha foi relida em várias comunidades. E ainda hoje essa memória é preservada na celebração da Eucaristia, que não pode ser considerada somente no aspecto celebrativo, mas deve repercutir no dia a dia.

A celebração da Eucaristia não pode se fechar nas paredes da Igreja: é imprescindível ir além do rito. É fundamental que exista o movimento de uma Eucaristia que vai do mistério celebrado para a vivência. A participação da Eucaristia deve levar a pessoa que crê a uma vida renovada.

Eis alguns princípios para uma espiritualidade eucarística:¹

- a) *Escuta da Palavra.* “De manhã em manhã ele me desperta, sim, desperta o meu ouvido para que eu ouça como os discípulos” (Is 50,4b). Na celebração da Eucaristia, a liturgia da Palavra é uma parte essencial. Em assembleia, ouvimos o que Deus tem a nos dizer. A escuta da palavra de Deus deve criar raízes em nossa vida cotidiana. Crer em Jesus Cristo é escutar a sua palavra e colocá-la em prática. É na escuta atenta que vamos descobrindo qual é o projeto de Deus para cada um de nós: “Eis a minha mãe e os meus irmãos. Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mc 3,34b-35).

¹ Esses princípios foram extraídos da revista *SEDOC*, Ano da Eucaristia: Sugestões e propostas – Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, v. 37, n. 307, Petrópolis, RJ, Nov/Dez, 2004, p. 237-250.

- b) *Conversão*. A participação consciente da Eucaristia é um convite à conversão. No ato penitencial, pedimos perdão a Deus pelas nossas limitações. Essa mesma atitude deve prolongar-se em nossa vida cotidiana por meio do exame de consciência e do confronto entre a nossa prática e as exigências do evangelho de Jesus. O reconhecimento de nossas limitações nos torna mais pacientes com as outras pessoas e nos abre à compaixão e ao perdão. A vivência eucarística exige um coração aberto ao perdão e à solidariedade: “Que cada um examine a si mesmo antes de comer desse pão e beber desse cálice, pois aquele que come e bebe sem discernir o Corpo, come e bebe a própria condenação” (1Cor 11,28-29).
- c) *Memória*. “Fazei isso em memória de mim”. Eucaristia é memorial da morte e ressurreição do Senhor. A celebração eucarística é memória de Cristo, desde a sua encarnação, vida, morte, ressurreição e ascensão ao céu. O memorial eucarístico ajuda-nos a desenvolver a gratidão por tudo o que Deus fez e faz por nós em Cristo. Na celebração eucarística, agradecemos pelos dons da natureza e da graça e, assim, mantemos vivo o sentido de nossa corresponsabilidade.
- d) *Sacrifício*. A vida de Jesus foi uma entrega incessante ao projeto do reino de Deus. “Nossa Páscoa, Cristo, foi imolado” (1Cor 5,7). Comer o corpo e beber o sangue do Senhor é fazer comunhão com o mesmo projeto e assumir o mesmo compromisso. Participar da Eucaristia é fazer da nossa vida uma oferta a Deus: “Por Cristo, com Cristo e em Cristo”. A vivência cristã tem como exigência o compromisso, a gratuidade e o dom de si. É um empenho que envolve toda a existência. Essa es-

piritualidade deveria perpassar todas as nossas atividades do dia a dia.

- e) *Ação de graças*. “Eucaristia” é um termo grego que significa ação de graças. Essa dimensão está muito presente na celebração da Eucaristia. No diálogo que introduz a oração eucarística, o sacerdote diz: “Demos graças ao Senhor nosso Deus”, a comunidade responde: “É nosso dever e nossa salvação”. Em seguida, ouvimos: “Na verdade é justo e necessário, é nosso dever e salvação dar-vos graças sempre e em todo lugar, Senhor, Pai santo...”. Agradecer é próprio de quem experimenta a gratuidade do amor de Deus que se manifesta por meio de Cristo. “Por tudo dai graças” (1Ts 5,18).
- f) *Presença de Cristo*. Na celebração da Eucaristia, fazemos memória da presença de Cristo na Igreja: na própria assembleia reunida em seu nome; na sua palavra lida e comentada; na pessoa do ministro; e sob as espécies eucarísticas. Os diálogos diretos que dirigimos ao Senhor são expressão da fé em sua presença real; por exemplo, antes de receber seu corpo e sangue, afirmamos: “Senhor, eu não sou digna/o de que entreis em minha morada, mas dissei uma palavra e serei salva/o”. Como as primeiras testemunhas, a Eucaristia nos deveria levar a exclamar: “Vimos o Senhor!” (Jo 20,25).
- g) *Comunhão e caridade*. Na liturgia da Palavra, escutamos a Palavra divina, fonte de comunhão entre todos aqueles que a põem em prática. Na liturgia eucarística apresentamos, no pão e no vinho, a oferta da nossa vida. Juntamente com a oferta de nossa vida, a oferta em dinheiro ou de outros dons para os pobres recorda que a Eu-

- caristia é compromisso com a solidariedade e a partilha. A Eucaristia lembra que somos chamadas/os a viver em comunhão uns com os outros.
- h) *Silêncio*. Momento de interiorização para perceber a presença amorosa de Deus que fala a nós e atua em nossa vida. É o silêncio que nos coloca em contato com Deus e nos possibilita escutar sua Palavra e fazer comunhão com sua presença em nós e entre nós. O silêncio vivido na celebração deve ser cultivado na vida. A palavra de Deus ouvida no silêncio é fonte de vida e transformação.
- i) *Adoração*. O estar de pé na celebração eucarística é confissão de nossa liberdade filial que nos foi dada pelo Cristo pascal. A posição de estar sentado exprime a receptividade do coração. Estar de joelhos ou inclinado é sinal de reverência ou de humildade. A genuflexão diante da Eucaristia é atitude de fé na presença real do Senhor Jesus.
- j) *Alegria*. O encontro com Cristo e com os irmãos e irmãs é fonte de alegria, que se expressa nas palavras, nos gestos, nos cânticos e no clima festivo da celebração eucarística. Na missa, cantamos com alegria os louvores ao Cristo que vive para sempre. A missa é momento de entrar em comunhão com o Senhor Jesus, que é fonte de alegria plena (cf. Jo 15,11; 16,24). Quem participa da Eucaristia é chamada/o a não se deixar dominar pela tristeza, mas a viver na esperança: “Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos!” (Fl 4,4).
- k) *Missão*. A Igreja é fruto da missão que Jesus confiou aos apóstolos: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos orde-

nei. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28,19-20). Em cada celebração eucarística recebemos o mandato para anunciar Cristo em todas dimensões de nossa vida.

Desenvolver uma espiritualidade eucarística é um constante desafio que se nos impõe. É preciso superar o perigo do individualismo e empenhar nossa vida na construção de uma sociedade justa e solidária. Vivemos num mundo que tem fome de pão e de justiça. Papa Bento XVI, na Encíclica *Sacramentum Caritatis*, recorda a responsabilidade social de todos os cristãos: “Com efeito, quem participa na Eucaristia deve empenhar-se na edificação da paz neste nosso mundo marcado por muitas violências e guerras, e, hoje de modo particular, pelo terrorismo, a corrupção econômica e a exploração sexual” (n. 245); problemas, estes, que geram, por sua vez, outros fenômenos degradantes que causam viva preocupação. Sabemos que essas situações não podem ser encaradas de modo superficial. Precisamente em virtude do mistério que celebramos, é necessário denunciar as circunstâncias que estão em contraste com a dignidade do ser humano, pelo qual Cristo derramou o seu sangue, afirmando assim o alto valor de cada pessoa. A caminhada é longa! A Eucaristia é o pão da vida que alimenta a nossa caminhada.

TERCEIRO ENCONTRO



TEMA: Acolher as pessoas excluídas!

PERSONAGENS: Jesus e a mulher siro-fenícia.

TEXTO: Mc 7,24-30.

PALAVRAS-CHAVE: Tiro, casa, espírito impuro, demônio, filhos e cachorrinhos.

PERSPECTIVA: Romper barreiras étnicas, geográficas, sociais, religiosas e de gênero.

Pelo que disseste, vai: o demônio saiu da tua filha. (Mc 7,29)

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela e flores de diferentes tipos.
- Fazer com jornal, ou outro papel, uma corrente.
- Escrever em uma cartolina o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: O seguimento de Jesus exige superarmos as barreiras que nos separam uns dos outros. Peçamos ao Espírito de Deus que abra nossos corações para acolhermos a todas as pessoas. Que as palavras que iremos cantar sejam a expressão do nosso desejo profundo de viver a comunhão.

*Povos d'América, gente sofrida,
onde a esperança insiste em germinar.
Povos d'América, quanta alegria,
são tantas raças, vozes a cantar.
Negros e brancos, índios, mestiços,
de todos Deus é Pai!*

***Uma só fé, um só Salvador, o mundo evangelizai!
Vinde, vede e anunciai! (bis)***

*Povos d'América, povos da terra, desfigurados na
pobreza e dor. Povos d'América, nações do mundo,
busquem no Cristo a força do amor.*

Dirigente: No encontro de hoje, vamos aprender com Jesus a ultrapassar fronteiras. Mas, antes, vamos partilhar como foi a vivência do gesto concreto proposto no encontro anterior. *Tempo para a partilha.*

3. Motivando a conversa

Dirigente: A experiência de ser discriminado/a, seja no trabalho, na escola, na comunidade, na igreja ou na família, nos deixa arrasados e, às vezes, pode atingir também a nossa autoestima. Rezemos pedindo ao Espírito de Deus que nos liberte de todas as formas de preconceito social.

Leitora ou leitor 1: Certa vez, José Antônio, um homem negro e muito simples, foi visitar a sua irmã, que trabalhava num edifício de luxo. Enquanto ele esperava pela chegada do elevador, uma moradora se aproximou dele e lhe disse: “Este elevador é o social, o do senhor fica do outro lado”. Nesse momento, José Antônio sentiu-se humilhado, com um nó na garganta, e nada conseguiu responder. Depois que a raiva passou, ele ficou indignado e sentiu, na própria pele, a dor do preconceito. E ele conclui: “Este fato reforçou em mim a constante atenção para não discriminar e nem tratar mal a ninguém”.

Dirigente: Nós já passamos por alguma experiência semelhante? Quais são os preconceitos que nós trazemos dentro de nós? *Conversar, em pequenos grupos, sobre a questão proposta. Encerrar este momento com o refrão do cântico indicado ou outro escolhido pela comunidade.*

Dá-nos um coração grande para amar.

Dá-nos um coração forte para lutar.

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: A região norte da Galileia era cortada por montanhas e regiões de altas elevações. Isso dificultou a comunicação entre as aldeias e os novos povoados, basicamente habitados por estrangeiros. No

tempo de Jesus, para chegar a Tiro era preciso atravessar o Norte da Galileia. Tiro era um importante escoadouro para a produção de grãos, vinho e óleo e mantinha comunicação com os romanos. Era uma cidade conhecida por suas diversas divindades, sendo algumas locais e outras universais. Para a Judeia e a Galileia, era muito importante manter relações comerciais com as cidades de Tiro e de Sidônia. Havia judeus que viviam na Galileia, como também em Tiro, mas também existia uma longa história de hostilidades entre esses povos. A reconciliação entre judeus e gregos era um tema muito comum no Oriente Médio. É provável que o encontro entre Jesus e a mulher siro-fenícia de nascimento e de cultura grega tenha sido produzido pela primeira geração de seguidores cristãos, e tem como objetivo quebrar barreiras étnicas, sociais, geográficas e de gênero.

5. Leitura do texto

Dirigente: Façamos um instante de silêncio e, no íntimo de nosso coração, peçamos ao Senhor a graça de sermos transformados por sua Palavra. Cantemos: ***Pela palavra de Deus, saberemos por onde andar. Ela é luz e verdade, precisamos acreditar. Cristo me chama, Ele é Pastor. Sabe meu nome: fala Senhor.***

Leitora ou leitor 3: Ler Mc 7,24-30.

Dirigente: *Para conversar.*

- a) Diante do pedido insistente da mulher siro-fenícia para que Jesus cure a sua filha, ele responde: “Deixa que primeiro os filhos se saciem, porque não é bom tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos” (7,27). Comente essa resposta de Jesus.

- b) Qual a atitude da mulher siro-fenícia diante da prioridade estabelecida por Jesus?
- c) Ouvindo a argumentação da mulher, Jesus é capaz de mudar de perspectiva. O que essa atitude nos ensina?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: É preciso ultrapassar as fronteiras que nos afastam das pessoas e, muitas vezes, essas fronteiras estão fortemente enraizadas dentro de nós. Em nosso caminho de discipulado, podemos nos espelhar na atitude de Jesus e das primeiras comunidades que se deixaram questionar pela realidade e não se fecharam ao diálogo. É sabedoria ser capaz de mudar de ideia quando percebemos que nossa maneira de pensar e nossos posicionamentos não produzem vida.

- a) Quais os preconceitos que estão enraizados dentro de nós?
- b) O que é preciso fazer para ultrapassar as fronteiras que ainda existem em nosso meio?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Vamos olhar para a corrente que está à nossa frente. Já conversamos sobre os preconceitos que ainda existem em nosso meio, mas ao mesmo tempo pedimos que o Senhor nos ajude a vencê-los, pois toda forma de preconceito impede que a outra pessoa seja feliz. Portanto, cada pessoa poderá pegar um elo e expressar, numa palavra, o que ela deseja superar. *Tempo para a oração.*

Dirigente: Que o Deus da vida e da comunhão nos ajude a vivermos a fraternidade. Renovando esse nosso

desejo, rezemos: *Pai-nosso... O grupo poderá rezar pedindo a intercessão de Maria nesta caminhada.*

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Mc 8,27-38, e quem puder leia as orientações em preparação ao quarto encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, pedir ajuda a uma pessoa próxima.

- Distribuir as tarefas, combinar a data e o local da próxima reunião.

9. Gesto concreto

Ver quais as pessoas que são discriminadas em nosso meio e fazer um gesto de fraterna acolhida.

10. Bênção final

Dirigente: Voltemos as nossas mãos para todas as direções deste espaço (norte, sul, leste, oeste) e peçamos ao Senhor que derrame suas bênçãos sobre a nossa comunidade, nossa cidade, nosso país e sobre todos os povos. Que este Deus que é Pai-mãe derrame sobre nós as bênçãos necessárias para nossa vida e missão.

Todas/os: Amém. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Orientações para o terceiro encontro

Situando o texto: Os judeus galileus e os síro-fenícios

No evangelho de Marcos, lemos: “Saindo dali, foi para o território de Tiro” (7,24). Jesus está saindo da

alta Galileia, uma região acidentada e montanhosa. Uma paisagem muito diferente da baixa Galileia e da região do Vale, marcada por suaves colinas e planícies. Por causa das altas montanhas, o acesso às diferentes localidades é mais difícil, tornando mais complicada a comunicação entre as aldeias e povoados da alta Galileia. Nessa região, o processo de urbanização durante o período romano foi menor, o que manteve a população mais fechada e tradicional em relação às diferentes culturas e etnias.

Acompanhando os passos de Jesus, vemos que ele se desloca da alta Galileia para a região de Tiro. Um judeu galileu sai para a terra dos gentios? Segundo Marcos, essa viagem de Jesus acontece depois de uma longa discussão com os fariseus e alguns escribas vindos de Jerusalém, ou seja, os representantes do poder oficial. Entre judeus galileus e os habitantes de Tiro, chamados simplesmente de “siro-fenícios”, havia divisões religiosas, políticas, sociais e econômicas. O relacionamento entre esses dois grupos era bem hostil.

O povo judeu guarda algumas memórias ruins de Tiro. Dessa região, temos a rainha Jezabel (Fenícia). Essa mulher oficializou o culto a Ba'al em Israel, no século IX a.C. (cf. 1Rs 16,31-32). Os profetas denunciaram o luxo e a opressão vindos de Tiro (Ez 26,15-21; Zc 9,3). Durante a revolta dos Macabeus, Tiro, Ptolemaida e Sídon lutaram contra os judeus defendendo os imperadores selêucidas (cf. 1Mc 5,15). No tempo da dominação romana, Sidônia, a cidade da Fenícia, era o principal porto da região na viagem a Roma, trazendo o produto comercial, o exército e a cultura helenizada de Roma, opressora dos judeus, para a Palestina.

No mundo do comércio, os fenícios sempre exploravam os galileus. A Galileia é uma terra fértil, e a produção de grãos, vinho, óleo, carne é abundante. Além da riqueza agrícola e da pescaria, há também um centro de produ-

ção de cerâmica em Kfar Hananiah e Shikin, situadas entre a alta e a baixa Galileia. A região de Jericó oferece extraordinárias tamareiras, plantas de precioso bálsamo, e também era conhecida como a cidade das palmeiras (cf. Dt 34,3; Jz 1,16). Uma parte dessas riquezas era levada para Tiro e Sidônia, as cidades portuárias da Fenícia, passando pela alta Galileia. Na transação comercial, os fenícios sempre levaram vantagem, aumentando o conflito com os judeus galileus.

No campo religioso, as cidades helenizadas da Fenícia, a província de Síria, representavam, para os judeus, a expressão máxima de paganismo, o culto a outras divindades, no tempo de Jesus e das primeiras comunidades cristãs. Na comunidade de Marcos, situada na alta Galileia ou no sul da Síria, havia a presença mista de judeus e de gentios que constituía um dos conflitos da comunidade. O conflito se agravou com a chegada dos judeus refugiados de Jerusalém à alta Galileia por causa da guerra judaica. Eles, incluindo os escribas, consideravam os gentios como impuros e condenados por Deus.

Diante do conflito, a comunidade de Marcos descreve o encontro de Jesus com a mulher siro-fenícia e sua filha possuída por um demônio. É o encontro de judeus galileus com os endemoninhados. Essa história é uma catequese da comunidade para superar as dificuldades na convivência entre as pessoas de diferentes culturas, etnias e gênero.

Comentando o texto: Mc 7,24-30 – Todos participam da mesa do Reino!

A visita de Jesus na região de Tiro e seu encontro com uma mulher siro-fenícia causam espanto e entra em contradição com a concepção de Messias da época, que seria o salvador somente para o povo de Israel. Mas

esse encontro amplia o conceito de Messias em vários sentidos: geográfico, étnico, religioso e de gênero. De acordo com a narrativa de Marcos, é possível entender que Jesus se retirou da Galileia para escapar do tormento dos fariseus ou para fugir de Herodes, que governava a Galileia e a Pereia, que há pouco tirou a vida de João Batista (cf. 6,16).

Em território estrangeiro, Jesus entra numa casa e quer permanecer oculto. Que casa seria essa? Pode ser uma casa de judeus que habitavam na região de Tiro. A intenção de Jesus é refazer suas energias, mas não é possível, pois uma mulher fica sabendo, entra na casa e se atira a seus pés. Esse gesto é típico de quem presta uma homenagem ou pede um favor. Em sua necessidade, a mulher busca uma solução para o seu problema e não tem medo de romper barreiras.

Como mãe, a mulher suplica a Jesus a cura de sua filha, que tinha “um espírito impuro”. É uma pessoa disposta a fazer de tudo para atingir sua meta. A doença da filha é apresentada de duas maneiras diferentes: ela tem um espírito impuro (7,25) e, nos v. 26.29.30, um demônio. A primeira expressão é comum no mundo judaico, e o segundo termo é um termo usado em outras culturas. Isso pode indicar que as pessoas a quem o evangelho de Marcos se dirige sejam formadas por judeus e estrangeiros. De um lado, temos a insistência da mulher, de outro, a indiferença de Jesus, cuja resposta à mulher nos causa estranheza e desconforto: “Deixa que primeiro os filhos se saciem, porque não é bom tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos” (7,27).

Diante do pedido da mulher, a resposta de Jesus reflete a mentalidade judaica do seu tempo. Ele acredita que os filhos de Israel têm prioridade sobre os gentios. O termo “filhos” era aplicado ao povo de Israel, e o termo “cachorro”, mesmo usado no diminutivo, era um insulto

contra os gentios, pois os cães eram associados com a impureza (cf. Ex 22,30; 1Rs 21,23; 22,38; 2Rs 9,36). Esse termo também era usado para designar um povo sem valor e desprezível (cf. 1Sm 24,15; 2Sm 16,9; Is 56,10).

Jesus se refere a Israel com o termo *teknon*, crianças ou descendentes no sentido biológico, ao passo que a mulher emprega *paidion*, cujo sentido pode ser filho ou servo em uma casa. É um termo mais abrangente. A mudança de termo pode significar que para a mulher a misericórdia de Deus vai além de Israel. É sem fronteiras.

De maneira sábia e audaciosa, a mulher se utiliza da mesma comparação de Jesus, apresentando o seu argumento: “É verdade, Senhor; mas também os cachorrinhos comem, debaixo da mesa, as migalhas dos filhos!” (7,28). Essa mulher já devia conhecer a fama de Jesus, pois ela se dirige a ele usando o título salvífico “Senhor”. A mulher representa um grupo da população que reconhece Jesus como o Senhor.

A mulher compreende e aceita a primazia de Israel melhor do que os judeus. A sua determinação e a sua coragem dão testemunho de sua esperança. Ela reivindica os direitos dos gentios. Jesus percebe que a mulher está certa, o argumento dela o faz ampliar seus horizontes: “por causa dessa palavra, vai!” (7,29a). É a palavra dela que cura!

Diante dos argumentos da mulher, Jesus revê a sua maneira de pensar, e a filha é restaurada: “o demônio saiu da tua filha” (7,29b). Ele é capaz de ultrapassar as barreiras étnica, geográfica e política e ver a realidade das pessoas que sofrem. Em Jesus, a salvação não é apenas para os que observam a Lei e a tradição, mas está aberta a todas as pessoas que nele acreditam. Ao colocar Jesus aceitando a palavra da mulher, esse evangelho nos ensina que é preciso superar qualquer barreira ou conflito quando se trata da defesa da vida ameaçada.

O encontro entre Jesus e a mulher siro-fenícia retrata o encontro entre judeus e estrangeiros, entre puros e impuros, também chamados de endemoninhados. Não foi fácil eliminar os preconceitos existentes de ambas as partes. É um encontro que ainda hoje questiona nossos preconceitos e nos convoca a uma abertura maior para o relacionamento com o outro. É preciso rever quais as barreiras que precisamos superar para reproduzir em nossa vida a prática cristã.

Aprofundando: Endemoninhados

“Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados. E a cidade inteira aglomerou-se à porta. E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios” (1,32-34). Havia muitos endemoninhados naquele tempo? Jesus expulsou muitos demônios? Como entender os vários nomes utilizados para nomear o mal na Bíblia? Se o demônio existe, onde ele atua hoje?

A lista de perguntas levantadas em encontros e cursos bíblicos é longa. Há muitas dúvidas e curiosidades. É surpreendente o fato de que a realidade do tempo de Jesus, de dois mil anos atrás, não seja levada em consideração para compreender esse mundo habitado por espíritos. Naquele tempo, os recursos da ciência e da medicina eram muito precários. De modo geral, a causa dos males como a doença era atribuída a espíritos. A presença de curandeiros e exorcistas era comum e difundida na época. Hoje a psicologia e a psiquiatria, por exemplo, conseguem ajudar a resolver problemas de muitas “pessoas possuídas por espírito mal”. Isso mesmo: o mundo de Jesus, curandeiro e milagreiro, era um mundo diferente.

1. Um mundo habitado por espíritos

No evangelho de Marcos, há vários textos referentes à presença de espíritos impuros e de exorcismos:

- “Os espíritos impuros, assim que o viam, caíam a seus pés” (Mc 3,11).
- “E constituiu Doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar, e terem autoridade para expulsar os demônios” (Mc 3,14).
- “Ele está possuído por um espírito impuro” (Mc 3,30).
- “Chamou a si os Doze e começou a enviá-los dois a dois. E deu-lhes autoridade sobre os espíritos impuros” (Mc 6,7).
- “Uma mulher cuja filha tinha um espírito impuro” (Mc 7,25).
- “Mestre, eu te trouxe meu filho, que tem um espírito mudo” (Mc 9,17).
- “Mestre, vimos alguém que não nos segue expulsando demônios em teu nome” (Mc 9,38).

Nos evangelhos, a menção sobre os espíritos responsáveis pelos males é vasta e frequente. Era difusa, no tempo de Jesus, a certeza de que os seres humanos viviam cercados por espíritos: anjos e demônios. E a causa de doenças, desgraças e provações na vida humana era atribuída aos demônios. Por isso, havia muitos doentes e endemoninhados na época.

A exigência de pagamento dos impostos aos romanos e dos impostos religiosos provocou um acelerado empobrecimento dos camponeses na Galileia. Pobreza e miséria vinham acompanhadas com doença. A cegueira era comum, podendo ter causa hereditária ou ser consequência da falta de higiene ou má alimentação. A lepra era o fantasma que assustava a população. Qualquer doença

de pele, contagiosa ou não, era classificada como lepra. Havia muitas pessoas aleijadas, epiléticas ou hidrópicas. Todos esses males mentais e físicos estavam associados com o demônio. A necessidade de expulsar os demônios era grande e comum na vida cotidiana das aldeias: “Eles expulsavam muitos demônios, e curavam muitos enfermos, unguindo-os com óleo” (6,12). Por ser possuído por demônios, o doente era também condenado e excluído pela religião oficial da época.

2. Os endemoninhados afastados do convívio social

A religião judaica oficial considerava a pobreza, a doença e a deficiência física e mental como consequência da presença de maus espíritos que tinham tomado posse da pessoa (9,14-29). Uma pessoa doente era vista como pecadora. A doença era considerada castigo de Deus. O doente era alguém que estava pagando por algum mal cometido, como, por exemplo, a desobediência às leis do puro e do impuro. Leis estabelecidas por sacerdotes e escribas desde o século V a.C. A interpretação da comunidade de Marcos sobre o conflito de Jesus com os doutores da Lei evidencia essa teologia oficial:

“Jesus, vendo sua fé, disse ao paralisado: “Filho, teus pecados estão perdoados”. Ora, alguns dos escribas que lá estavam sentados refletiam em seu coração: “Por que está falando assim? Ele blasfema! Quem pode perdoar pecados a não ser Deus?” Jesus imediatamente percebeu em seu espírito o que pensavam em seu íntimo, e disse: “Por que pensais assim em vossos corações? Que é mais fácil dizer ao paralisado: Os teus pecados estão perdoados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda?”” (2,5-9).

O doente como endemoninhado e pecador era afastado do convívio com outras pessoas para evitar a contaminação de toda a comunidade (cf. Mc 5,25-34). A única forma de poder ser puro e voltar a participar da vida social e do templo era por meio dos ritos de purificação, que consistiam em sacrifícios de expiação pelo pedaço. O código de pureza apresentava vários rituais de purificação, que exigiam a entrega de ofertas e a realização do sacrifício no templo (cf. Lv 15,1-33). O objetivo das autoridades religiosas era arrecadar mais produtos para favorecer seus interesses.

O código da pureza era sustentado pela teologia oficial da retribuição. Nessa visão, a pessoa justa era quem observava a lei do puro e do impuro. Essa teologia afirmava que Deus abençoava a pessoa justa com riqueza, saúde, vida longa e descendência, mas castigava a pessoa injusta com pobreza, doença e sofrimento. Na teologia da retribuição, os que tinham condições de observar as leis, pagando os dízimos exigidos e oferecendo sacrifícios, eram abençoados por Deus, enquanto os pobres eram amaldiçoados. Os pobres doentes sofriam duplamente.

3. Jesus e as comunidades cristãs combatem os espíritos destruidores

Por um lado, os escribas acusam Jesus de estar possuído por um “espírito impuro”: “Está possuído por Beelzebu”; ou: “É pelo príncipe dos demônios que expulsa os demônios” (3,22), acusando Jesus de ser destruidor da religião oficial baseada na lei do puro e do impuro. Por outro lado, Jesus e seus seguidores e seguidoras também acusam os escribas, suas sinagogas, o templo e o império romano de estarem possuídos por espíritos destruidores.

a) A religião oficial da sinagoga

“Na ocasião, estava na sinagoga deles um homem possuído de um espírito impuro, que gritava, dizendo: ‘Que queres de nós, Jesus Nazareno? Viestes para arruinar-nos? Sei quem tu és: o Santo de Deus’. Jesus, porém, o conjurou severamente: ‘Cale-te e sai dele’. Então o espírito impuro, sacudindo-o violentamente e soltando grande grito, deixou-o” (1,23-26).

A sinagoga, que existia quase em cada cidade na Palestina, era o local de encontro para o culto e o estudo da lei. Era o local essencial para a instrução em vista da unidade judaica na fé, no culto, na tradição e na ordem sociorreligiosa. Havia o chefe da sinagoga, o *archisynagôgos*, encarregado do funcionamento do culto, com a função de coordenar a leitura das Escrituras, instruções e orações. Segundo Mc 1, 23, a expressão “a sinagoga deles” indica o local organizado pelos escribas. Eles instruíam o povo no código de pureza e na teologia da retribuição: as leis do puro e do impuro com a imagem de Deus poderoso e castigador. Pobres e doentes estavam excluídos do convívio social.

A comunidade de Marcos descreve, em seu relato sobre o ensinamento de Jesus, as pessoas amarradas pelas leis ensinadas na sinagoga como “um homem possuído de um espírito impuro” (1,23). Esse espírito entra em conflito com Jesus, e é expulso por seu ensinamento: “Todos então se admiraram, perguntando uns aos outros: ‘Que é isto? Um novo ensinamento com autoridade! Até mesmo aos espíritos impuros dá ordens, e eles lhe obedecem!’” (1,27).

O ensinamento de Jesus nasce de sua prática libertadora: ele continuamente acolhe e convive com o povo sofrido e machucado. Jesus está em contato com os endemoninhados e excluídos da sociedade: pobres, doentes,

cegos, coxos, crianças, mulheres. Experimenta, na sua pele, a dureza da vida cotidiana do seu povo: “uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles” (6,34).

Então, Jesus, com sua prática acolhedora, transgride e rejeita a lei da pureza para devolver a vida às pessoas impuras: “Aproximando-se, Jesus tomou pela mão a sogra de Pedro que estava de cama com febre e a fez levantar-se” (1,30-31; cf. 2,15; 7,2. 33; 8,23). Jesus se coloca claramente em oposição aos escribas e sua lei da pureza, por esta excluir e oprimir as “pessoas impuras”. Para ele, os escribas e seus ensinamentos são o verdadeiro “espírito impuro”, entendido como demônio, por ameaçar e destruir a vida do povo.

b) O império romano

“Chegaram do outro lado do mar à região dos gerasenos. Logo que Jesus desceu do barco, caminhou ao seu encontro, vindo dos túmulos, um homem possuído por um espírito impuro (...) E, sem descanso, noite e dia, perambulava pelas tumbas e pelas montanhas, dando gritos e ferindo-se com pedras. Ao ver Jesus, de longe, correu e prostrou-se diante dele, clamando em alta voz: ‘Que queres de mim, Jesus, filho do Deus altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes!’ Com efeito, Jesus lhe disse: ‘Sai deste homem, espírito impuro!’. E perguntou-lhe: ‘Qual é o teu nome?’. Respondeu: ‘Legião é meu nome, porque somos muitos’” (Mc 5,1-9).

O exército romano era uma verdadeira máquina de dominação que servia para aumentar os territórios nas guerras, adquirir os escravos, expandir o tributo e o comércio, sugando a riqueza das terras conquistadas. No livro do Apocalipse, lemos o efeito devastador do exército

romano: “Vi aparecer um cavalo esverdeado. Seu montador chamava-se ‘morte’, e o Hades o acompanhava. Foi-lhe dado poder sobre a quarta parte da terra, para que exterminasse pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra” (Ap 6,8).

No tempo de Jesus, o império, que contava 350 mil soldados, deslocou 8% do seu exército para a Palestina, que representava apenas 1% do seu território. Especialmente, na Galileia, terra de exploração e de muitas revoltas, havia uma legião, a maior divisão do exército romano, que abrangia de 6 a 10 mil homens. A legião era a força esmagadora do império romano que dominava a Palestina.

O evangelho de Marcos descreveu essa força do exército romano como espírito impuro: “O homem possuído pelo espírito impuro habitava no meio das tumbas e ninguém podia dominá-lo, nem mesmo com correntes. Muitas vezes já o haviam prendido com grilhões e algemas, mas ele arrebatava os grilhões e estraçalhava as correntes, e ninguém conseguia subjugá-lo” (5,3-4). O espírito impuro, descrito como monstro violento, possuía e investia contra a vida humana.

Pela prática de Jesus, a legião foi expulsa para os porcos que se lançaram e se afogaram no mar, como foram afundados os carros e os cavaleiros do Faraó, na saída do Egito (Ex 14,28). O homem foi libertado, “sentado, vestido e em são juízo” (5,15). Jesus liberta, restaura e desaliena as pessoas possuídas pelo “espírito impuro”.

QUARTO ENCONTRO



TEMA: Seguir Jesus é comprometer-se com a justiça!

PERSONAGENS: Jesus, os discípulos, Pedro e a multidão.

TEXTO: Mc 8,27-38.

PALAVRAS-CHAVE: Caminho, Cristo, sofrer, rejeitado, morto, ressuscitar, negue-se, cruz, evangelho.

PERSPECTIVA: Entender que o seguimento de Jesus exige assumir, na própria vida, o compromisso com os crucificados da história e quem entra neste caminho deve estar disposto a doar-se até o fim.

*Se alguém quiser vir após mim,
negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. (Mc
8,34b)*

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro a Bíblia, vela e cruz.
- Folhas de papel e pincel.
- Escrever em uma cartolina o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Hoje vamos refletir sobre quem é Jesus e a nossa identidade como discípulas e discípulos. Iniciemos nosso encontro fazendo memória do projeto de Jesus.

***Eu vim para que todos tenham vida.
Que todos tenham vida plenamente.***

*Reconstrói a tua vida em comunhão com teu Senhor.
Reconstrói a tua vida em comunhão com teu irmão.
Onde está o teu irmão, eu estou presente nele.*

*Eu passei fazendo o bem, eu curei todos os males.
Hoje és minha presença junto a todo sofredor.
Onde sofre o teu irmão, eu estou sofrendo nele.*

*Quem comer o pão da vida, viverá eternamente.
Tenho pena deste povo que não tem o que comer.
Onde está um irmão com fome, eu estou com fome nele.*

*Entreguei a minha vida pela salvação de todos.
Reconstrói, protege a vida de indefesos e inocentes:
onde morre o teu irmão, eu estou morrendo nele.*

Todas/os: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Dirigente: Podemos repetir o tema do encontro de hoje: *Seguir Jesus é comprometer-se com a justiça*. Como foi a vivência do gesto concreto proposto na reunião anterior? *Tempo para a partilha. Encerrar este momento com o refrão de um canto conforme a escolha do grupo.*
*Sugestão: repetir: **Eu vim para que todos tenham vida.***

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: No evangelho de Tomé, Jesus faz a seguinte pergunta aos discípulos: “Com quem me comparais? Dizei-me com quem me pareço’. Disse-lhe Simão Pedro: ‘Tu és semelhante a um anjo justo’. Disse-lhe Mateus: ‘Tu és semelhante a um sábio filósofo’. Disse-lhe Tomé: Mestre, minha boca não é capaz de dizer com quem te pareces” sentença (13). A resposta sobre a identidade de Jesus passa pela experiência da comunidade. No evangelho de Mateus, Pedro responde corretamente que Jesus é o Cristo – o Messias; mas, neste evangelho, quem mais se aproxima do mistério de Jesus é Tomé, que faz a experiência do que não se pode descrever: é o indizível.

Dirigente: A pergunta de Jesus continua exigindo de nós uma resposta. E para cada uma e cada um nós: quem é Jesus? Podemos pegar um pincel e uma folha, desenhar a nossa resposta e depois partilhar em pequenos grupos.

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: A comunidade dos primeiros seguidores e seguidoras de Jesus compreendeu que Jesus é servo sofredor, que morreu por ter assumido a causa da justiça até o fim. Com o passar do tempo e diante das

dificuldades e sofrimentos vivenciados pelo povo judeu, renasce a mentalidade nacionalista da chegada de um messias rei que viria para destruir os dominadores e implantar o reino de Deus. No norte da Galileia, com o aumento da opressão, surgiram novos movimentos messiânicos. Essa mentalidade messiânica triunfalista foi assumida também por alguns seguidores e seguidoras de Jesus. Nesse momento, a comunidade de Marcos reforça o ensinamento de que o messianismo de Jesus passa pela cruz e a solidariedade com os crucificados da história.

5. Leitura do texto

Dirigente: A resposta à pergunta central do evangelho de Marcos pode ter muitas respostas, mas todas devem apontar para o compromisso com o reino de Deus. Aclamemos a Palavra de Deus, cantando:

*Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça.
E tudo mais vos será acrescentado. Aleluia! Aleluia!*

*Não só de pão o homem viverá, mas de toda palavra
Que procede da boca de Deus. Aleluia! Aleluia!*

*Se vos perseguem por causa de mim, não esqueçais
o porquê
Não é o servo maior que o Senhor. Aleluia! Aleluia!*

Leitora ou leitor 3: Ler Mc 8,27-38.

Dirigente: *Para conversar.*

- a) Qual a identidade de Jesus segundo o evangelho de Marcos?
- b) Jesus chama Pedro de satanás. O que significa ser satanás para Jesus?

- c) Comente a afirmação: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois aquele que quiser salvar a sua vida, a perderá; mas o que perder a sua vida por causa de mim e do evangelho, a salvará” (Mc 8,34-35).

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: A resposta que damos à questão “Quem é Jesus para mim?” é que orienta o meu seguimento de Jesus hoje. As primeiras comunidades entenderam Jesus como o servo que é chamado para o serviço da justiça e que por fidelidade a esse chamado foi morto, mas Deus o ressuscitou. Seguir Jesus implica em assumir o mesmo caminho.

- a) Como nós vivemos o nosso ser discípulas/os de Jesus em nossa vida?
- b) Quem são os crucificados da história hoje e como vivo a solidariedade com eles?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Neste momento vamos olhar para a cruz. Para nós, ela é carregada de um simbolismo religioso, mas, no império romano, ela era sinal de extrema humilhação. Era a pena máxima para os rebeldes, subversivos e escravos. Para nós, ela recorda o gesto de doação de um Deus que nos amou até o fim. Que a cruz seja a memória constante de que não devemos crucificar nossas irmãs e irmãos. Ao contrário, a nossa vocação cristã exige o compromisso com todas as pessoas que continuam sendo crucificadas. Renovando a nossa fé em Deus e em seu projeto, de mãos dadas, rezemos: *Pai-nosso...*

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Mc 16,1-8, e quem puder leia as orientações em preparação ao quinto encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, pedir ajuda a uma pessoa próxima.

- Distribuir as tarefas, combinar a data e o local da próxima reunião.
- Trazer um prato de doce ou salgado para partilhar na próxima reunião.

9. Gesto concreto

Fazer uma visita em um asilo, orfanato, acampamento dos sem-terra, dos sem-teto, albergues ou outros grupos que vivem em situação de exclusão.

10. Bênção final

Dirigente: Responder à pergunta sobre quem é Jesus para nós significa, ao mesmo tempo, dar uma resposta sobre qual a marca do nosso discipulado hoje. Que o nosso seguimento de Jesus tenha sempre presente o compromisso com as pessoas excluídas. Que o Deus da ternura e da compaixão derrame sobre nós e nossas famílias a sua bênção.

Todas/os: Amém.

Orientações para o quarto encontro

Situando o texto: Jesus, o messias-servo

Nem sempre é fácil descrever Jesus histórico e sua vida. Nos evangelhos, misturam-se as atividades de Jesus

e as interpretações feitas, posteriormente, pelas comunidades cristãs. Mas é inegável que Jesus é originário da aldeia de Nazaré e passou a maior parte da sua vida pregando, atuando e andando de uma aldeia para outra na Galileia. Seus atos, ensino, ditos e parábolas eram enraizados nas experiências da vida camponesa da sua terra. Eis algumas práticas de Jesus que se diferenciavam da imagem oficial do Messias daquele tempo:¹

- 1) Jesus anuncia a Boa-nova, primeiramente, aos pobres da Galileia. Essa região não é, para a elite judaica, o lugar apropriado para a aparição do messias: “De Nazaré pode sair algo de bom?” (Jo 1,46).
- 2) Jesus critica a lei da pureza: Jesus vive no meio dos marginalizados, toca o leproso (1,41), come com os pecadores (2,15) e acolhe a mulher impura (5,25-34). O que ele está propondo é reincorporar os marginalizados na vida social em vez de excluí-los pela Lei discriminatória. Devolve-lhes a alegria de viver como gente! Essa atitude de Jesus desafia a imagem do Messias como mestre e guardião da Lei oficial, por quem os fariseus e os essênios esperavam (7,1-7).
- 3) Jesus não manda nem domina as pessoas, mas veio para servi-las (10,45). Essa prática não segue a regra do rei-messias vitorioso que implanta o reinado de Deus mediante a violência e a dominação. A prática da libertação não se baseia no poder, mas no serviço. Quem usa o poder para libertar o povo corre o risco de subjugá-lo com o mesmo poder (9,33-37; 10,42-45).

¹ Essa reflexão é baseada no meu artigo “O segredo messiânico: Por que Jesus não se revela?”, em: CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, *Seguir Jesus: os evangelhos*, São Paulo: CRB/Loyola, 2004, p. 115.

- 4) Jesus é descrito como o profeta Jeremias, desafiando as autoridades judaicas estabelecidas no Templo, “Não está escrito: *Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos?* Vós, porém, fizestes dela um covil de ladrões!” (11,17; Jr 7,11). Essa é a causa principal da ira das autoridades do Templo, considerado por muitos como o local onde o Messias se apresenta e começa a sua conquista e seu domínio triunfante (Lc 4,9).

A imagem do Messias que nasce da prática de Jesus se contrapõe à figura messiânica davídica poderosa esperada pelo povo judeu. Ele é o “servo sofredor” (Is 42,1-9), que prega e pratica um relacionamento social e religioso baseado no amor, na compaixão e na justiça, o que o leva a um confronto com as autoridades e, conseqüentemente, à cruz. O sofrimento e a morte de Jesus não são castigos nem projeto de Deus, mas consequência de sua prática da justiça e da solidariedade.

Os primeiros seguidores e seguidoras, que conseguiram compreender esse messianismo do servo após a morte de seu mestre e a experiência pascal, colocaram-se ao lado dos crucificados da sociedade para construir o reino de Deus, do amor e da solidariedade. Porém, foi difícil seguir o projeto do Jesus servo sofredor na sociedade greco-romana, controlada pelo Império que prega e busca poder, riqueza, posição social, honra, fama etc. É também muito grande a tentação de sonhar e pregar Jesus como rei triunfante e profeta poderoso nas dificuldades como no momento da perseguição. A comunidade de Marcos não foi exceção. Ela enfrentou a crise da identidade: quem é Jesus e qual a sua missão nos movimentos de resistência existentes na Galileia contra o Império.

Após a morte de Herodes Agripa I (44 d.C.), a Judeia volta a ser província romana. Com a perda da autonomia

política da Judeia e a terrível fome no fim desta década, a Palestina presenciou o aumento sucessivo dos movimentos violentos de resistência, atingindo seu ápice na guerra judaica de 66-73:

- 1) Banditismo judaico: Os camponeses endividados e expulsos de suas terras se refugiavam nas montanhas e se juntavam aos salteadores. Atacavam as caravanas romanas e faziam incursões nas áreas fronteiriças. Na Galileia, esse movimento do banditismo era suficientemente forte para ameaçar e levantar-se em rebelião contra seus dominadores, judeus e romanos, e, com um líder bem-sucedido, o movimento tornava-se uma esperança escatológica para o povo explorado e empobrecido.
- 2) Movimentos messiânicos com reis populares: Os camponeses em dificuldade juntavam-se a algum movimento messiânico com a liderança de um rei carismático. Eles sonhavam com um líder como o rei Davi e o “filho do homem” (Dn 7), que poderia estabelecer o reinado definitivo de Israel, derrotando os romanos e expulsando os governantes corruptos. Na época de Jesus, o povo seguia a vários “reis messiânicos”, como Judá, filho de Ezequias; Sião, ex-escravo de Herodes; Atronges, um pastor etc.
- 3) Movimentos proféticos: No primeiro século, constata-se o aparecimento de pessoas que chegaram a formar um movimento profético, com as mesmas características da tradição bíblica (Elias; Amós; Oseias; Miqueias; Jeremias; etc.). Eles, como João Batista, denunciavam as injustiças e anunciavam o julgamento iminente de Deus. Alguns deles inspiravam e lideravam até

um movimento de revolta contra as autoridades, como no caso dos profetas samaritanos, por volta de 30 d.C.

- 4) Os sicários, que apareceram na década de cinquenta d.C., sequestraram, assassinaram os aristocratas colaboradores dos romanos, provocaram agitações pela liberação judaica e, finalmente, aderiram aos grupos rebeldes na luta contra o império de 66-70.

No fim da década de 60, toda a Palestina estava infestada de movimentos de revolta, agitando a comunidade de Marcos. A comunidade se juntaria à revolta armada com a bandeira do rei Jesus messiânico? A dúvida e a indecisão da comunidade estão manifestadas em seu texto:

“Pois naqueles dias haverá uma tribulação tal, como não houve desde o princípio do mundo que Deus criou até agora, e não haverá jamais. E se o Senhor não abreviasse esses dias, nenhuma vida se salvaria; mas, por causa dos eleitos que escolheu, ele abreviou os dias. Então, se alguém vos disser: ‘Eis o Messias aqui’ ou ‘Ei-lo ali’, não creiais. Hão de surgir falsos Messias e falsos profetas, os quais apresentarão sinais e prodígios para enganar, se possível, os eleitos. Quanto a vós porém, ficai atentos. Eu vos preveni a respeito de tudo” (13,19-23).

Quem é Jesus? A comunidade de Marcos trata do assunto do messianismo de Jesus de modo particular. Olhando, sobretudo, a primeira parte do evangelho de Marcos (1,1- 8,26), o leitor logo percebe as estranhas ordens de silêncio, após a prática poderosa e libertadora de Jesus e à menção de seus títulos. Eis a lista destas ordens:

- 1) “Na ocasião, estava na sinagoga deles um homem possuído de um espírito impuro, que gritava, dizendo: ‘Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para arruinar-nos? Sei quem tu és: o Santo de Deus’. Jesus, porém, o conjurou severamente: ‘Cala-te e sai dele’. Então o espírito impuro, sacudindo-o violentamente e soltando grande grito, deixou-o” (1,23-25).
- 2) “Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados. E a cidade inteira aglomerou-se à porta. E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios. Não consentia, porém, que os demônios falassem, pois eles sabiam quem era ele” (1,32-34).
- 3) “Um leproso foi até ele, implorando-lhe de joelhos: ‘Se queres, tens o poder de purificar-me’. Irado, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: ‘Eu quero, sê purificado’. E logo a lepra o deixou. E ficou purificado. Advertindo-o severamente, despediu-o logo, dizendo-lhe: ‘Não digas nada a ninguém; mas via mostrar-te ao sacerdote e oferece por tua purificação o que Moisés prescreveu, para que lhes sirva de prova” (1,40-44).
- 4) “Pois havia curado muita gente. E todos os que sofriam de alguma enfermidade lançavam-se sobre ele para tocá-lo. E os espíritos impuros, assim que o viam, caíam a seus pés e gritavam: ‘Tu és o Filho de Deus!’. E ele os conjurava severamente para que não o tornassem manifesto” (3,10-12).
- 5) “Tomando a mão da criança, disse-lhe: ‘*Talítha Kum*’ – o que significa: ‘Menina, eu te digo, levanta-te’. No mesmo instante, a menina se levantou, e andava, pois já tinha doze anos. E ficaram extremamente espantados. Recomendou-

-lhes então expressamente que ninguém soubesse o que tinham visto. E mandou que dessem de comer à menina” (5,41-43).

Lançando um olhar sobre essa lista e outros textos, podemos ter uma resposta parcial à pergunta que fizemos à comunidade de Marcos a respeito do messianismo: por que Jesus impõe o silêncio e não permite que as pessoas mencionem seus títulos? Antes de tudo, Jesus desfaz um equívoco, um engano: a pretensão do povo em transformá-lo num Messias poderoso e triunfante. Foi exatamente essa pretensão que penetrou e dominou a comunidade de Marcos. Eles olhavam o céu, esperando e pedindo que Jesus interviesse logo no mundo para estabelecer seu reino glorioso e definitivo. A comunidade de Marcos adverte e se contrapõe à figura messiânica davídica triunfalista. Dessa maneira, a comunidade começa a orientar seus membros para o verdadeiro messianismo de Jesus e seu destino na segunda parte do seu evangelho, que se inicia em Mc 8,27-38.

Comentando o texto: Mc 8,27-38 – “Tu és o Cristo”

Jesus com os seus discípulos está em viagem para Jerusalém, próximo a Cesareia de Filipe, cidade situada no extremo norte da Palestina, junto às fontes do rio Jordão. O nome anterior desta cidade era Panion, pois nela havia um local sagrado dedicado ao Deus Pã. Aí também havia um templo em honra de Augusto, construído por Herodes Magno. Herodes Filipe atribuiu à cidade o nome de Cesareia de Filipe, distinguindo-a de outras cesareias.

No caminho, o evangelho de Marcos coloca a pergunta sobre a identidade de Jesus: “Quem dizem os homens que eu sou?” (8,27b). O caminho é o local do discipulado. A questão proposta não tem uma única resposta, até hoje

as pessoas continuam tentando responder quem é Jesus. As diferentes respostas representam as várias tendências que havia na comunidade de Marcos acerca de Jesus.

Alguns acreditavam que Jesus era João Batista que tinha voltado. De acordo com a narrativa de Marcos, o próprio Herodes pensava dessa forma (6,16). Para outros, era Elias, uma figura do Antigo Testamento muito popular entre os judeus. Ele era considerado o iniciador do movimento profético. A tradição afirmava que esse profeta tinha sido arrebatado aos céus e, segundo a crença, voltaria (2Rs 2,11). Ainda havia uma parcela da comunidade que acreditava que Jesus era um dos profetas.

A questão sobre a identidade de Jesus se desdobra em outra pergunta: “E vós, quem dizeis que eu sou?”. Pedro, representando um grupo que segue Jesus, responde: “Tu és o Cristo!” (8,29). Desde o início, o evangelho de Marcos apresenta a verdadeira identidade de Jesus. Na voz do narrador ouvimos a proclamação de “Jesus Cristo, Filho de Deus”, em seguida pelo próprio Deus (1,11) e pelos demônios (1,25; 3,11; 5,7), somente agora pelos discípulos.

Embora a resposta de Pedro esteja certa, segue-se a ordem de silêncio. De fato, Jesus é o Messias, mas parece que a comunidade ainda não entendeu o seu messianismo, pois espera um messias glorioso e poderoso. O evangelho de Marcos apresenta que tipo de Messias é Jesus: “O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar” (8,31). Esse ensinamento será repetido em 9,31 e 10,32-34. O texto evidencia que o seguimento de Jesus implica sofrimento e rejeição.

O título “Filho do Homem” ocorre muitas vezes no Antigo Testamento. Enquanto o título em Dn 7,13 é usado para designar “alguém como o rei Davi”, que vem das nuvens com poder e glória, o título como no livro de

Ezequiel é, de modo geral, aplicado ao ser humano com suas fraquezas e limitações humanas. Nos sinóticos (Mc, Mt e Lc), o título “Filho do Homem” é usado somente por Jesus. Quando o título usado nos textos que mencionam a paixão e morte de Jesus, ele é aplicado para expressar a condição humana de fragilidade, contrapondo-se à figura apocalítico-escatológica do messias davídico poderoso.

Anciãos, chefes dos sacerdotes e escribas foram os representantes das autoridades de Jerusalém que tramaram a morte de Jesus: “Enquanto ainda falava, chegou Judas, um dos doze, com uma multidão trazendo espadas e paus, da parte dos chefes dos sacerdotes, escribas e anciãos” (14,43; cf. 10,33; 11,18.28; 14,1; 15,1.31). A visão de um Messias poderoso e triunfalista é substituída pela compreensão de um messianismo que passa pelo sofrimento e pela cruz. Um messias solidário com os crucificados da história.

O messianismo de Jesus está relacionado com rejeição, sofrimento e morte, conteúdo essencial de sua identidade messiânica. Havia em Israel a imagem do Servo de Javé (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-11; 52,13-53,12), porém, não existia a vinculação com o Messias. O essencial desses cânticos é que o servo é chamado para o serviço da justiça, toma consciência do seu chamado e assume a missão. Por causa de sua fidelidade à justiça, é perseguido, resiste até o fim e por isso é morto, mas Deus aceita a sua oferta. As primeiras comunidades cristãs releeram os cânticos de Isaías e viram em Jesus o Servo de Javé. Elas entenderam que o sofrimento do Filho do Homem não vinha das mãos de Deus, mas “dos anciãos, chefes dos sacerdotes e escribas”.

Pedro representa o grupo que não aceita essa visão e censura Jesus. Para muitos, a morte de Jesus na cruz era inaceitável. Nesse momento, a reação é violenta: “Arreda-te de mim, Satanás, porque não pensas as coisas de Deus,

mas as dos homens” (8,33). Havia uma forte contestação contra Jesus na comunidade de Marcos. Em 3,22, ele é acusado de estar possuído por Beelzebu. A provocação de Pedro a Jesus lembra também a tentação de Jesus no deserto (1,12-13). Pedro não age como discípulo de Jesus, ao contrário, ele se torna porta-voz de satanás. A palavra “satã” vem do hebraico e significa “adversário”.

A narrativa de Marcos 8,27-33 tinha os discípulos como os destinatários. No v. 34, há uma mudança: o discurso agora é dirigido para a multidão juntamente com os discípulos. O convite para seguir Jesus apresenta três exigências: “negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (8,34). Negar-se a si mesmo supõe superar o egoísmo e arriscar a vida por causa de Jesus e do evangelho (v. 35-37). A morte na cruz era uma extrema humilhação. A cruz era um instrumento de crueldade e desumanização e representava a opressão romana. No tempo dos romanos, era um castigo aplicado aos escravos e aos rebeldes. Um condenado à cruz era obrigado a carregar a própria até o lugar da crucificação.

No caminho do discipulado, Pedro e os demais discípulos seguem Jesus e prometem fidelidade: “Mesmo que tivesse que morrer contigo, não te negarei”. E todos diziam o mesmo” (14,31). Porém, diante do perigo, Pedro nega conhecer Jesus para salvar a sua própria vida (14,67-72). O mesmo aconteceu com o homem possuidor de muitos bens e incapaz de atender o chamado de Jesus (10,21-22).

Negar Jesus e seu evangelho pode ser um caminho de preservação da própria vida, mas a vida perde o seu sentido. De que adianta riquezas e seguranças se a pessoa se fecha à solidariedade humana distanciando-se da fonte da vida? “Envergonhar-se de mim e de minhas palavras” significa distanciar-se de Jesus e do seu evangelho e assumir a ideologia do Império. O questionamento de Jesus a seus discípulos e à multidão continua exigindo uma

resposta: até que ponto nós assumimos o seguimento de Jesus hoje?

Aprofundando: Catecismo sobre o seguimento de Jesus

“Tome a sua cruz e siga-me”. O seguimento de Jesus é o caminho da cruz, que está na contramão da sociedade dominada pelo império romano e seus colaboradores. É uma sociedade organizada pelas relações humanas de ganho, poder e privilégio. A comunidade cristã de Marcos, que professa Jesus de Nazaré como “Cristo”, não deve reproduzir as relações de poder na vida cotidiana, mas estabelecer as relações de serviço e de comunhão.

Após o primeiro anúncio da paixão, a comunidade de Marcos descreve, em seu Evangelho, as instruções sobre as relações internas da comunidade, introduzidas pelo segundo (9,30-32) e terceiro anúncios (10,32-34):

- 1) “E chegaram a Cafarnaum. Em casa, ele lhes perguntou: ‘Sobre que discutíeis no caminho?’. Ficaram em silêncio, porque pelo caminho vinham discutindo sobre qual era o maior. Então ele sentou, chamou os Doze e disse: ‘Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos’” (9,33-35). Quem é o maior? Os discípulos ainda idealizam uma sociedade de poder, de riqueza e de privilégio, que produz a segregação social. O caminho da cruz deve ser reproduzido nas relações humanas da comunidade, baseada na vida de serviço sem interesse.
- 2) “Disse-lhe João: ‘Mestre, vimos alguém que não nos segue expulsando demônios em teu nome, e o impedimos porque não nos seguia’. Jesus, porém, disse: ‘Não o impeçais, pois não há ninguém que faça milagre em meu nome e logo depois possa

falar mal de mim. Porque quem não é contra nós é por nós” (9,38-40). Mais uma vez, deparamo-nos com a concepção dos discípulos de uma sociedade segregacionista de poder. Eles não estão dispostos a partilhar o poder e o privilégio. Querem o monopólio e exclusividade no mistério da salvação. Hoje se compreende que a prática missionária não é condenatória nem marcada por sectarismo. O cerne da missão é a promoção da justiça, liberdade e vida em todos os povos.

- 3) “Traziam-lhe crianças para que as tocasse, mas os discípulos as repreendiam. Vendo isso, Jesus ficou indignado e disse: ‘Deixai as crianças virem a mim. Não as impeçais, pois delas é o reino de Deus. Em verdade vos digo: aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, não entrará nele’. Então, abraçando-as, abençoou-as, impondo as mãos sobre elas” (10,13-16). No mundo greco-romano de produção e de ganho, a criança e o ancião são considerados inúteis (cf. Sb 2,5-11) e representam o grupo marginalizado. Mas o Reino, do ponto de vista de Jesus de Nazaré, é gratuidade de Deus, e nele as pessoas marginalizadas, que não são consideradas, são acolhidas.
- 4) “Então Jesus, olhando em torno, disse a seus discípulos: ‘Como é difícil a quem tem riquezas entrar no reino de Deus!’. Os discípulos ficaram admirados com essas palavras. Jesus, porém, continuou a dizer: ‘Filhos, como é difícil entrar no reino de Deus! É mais fácil um camelo passar pelo buraco de agulha do que um rico entrar no reino de Deus!’ (10,23-25). A riqueza no império romano é fruto da acumulação de bens por meio da injustiça: fraude, espoliação e violência (Ap

13; 18). Ao entrar no reino de Deus, a comunhão com o Deus da vida, é preciso sair e combater essa sociedade de ambição e injustiça, que explora o próximo e a natureza. É necessário entrar no caminho da cruz de servir e de partilhar a vida.

- 5) “Tiago e João, filhos de Zebedeu, foram até ele e disseram-lhe: ‘Mestre, queremos que nos faças o que te pedimos’. Ele perguntou: ‘Que quereis que vos faça?’. Disseram: ‘Concede-nos, na tua glória, que sentemo-nos um à tua direita, outro à tua esquerda’ [...]. Ouvindo isso, os dez começaram a indignar-se contra Tiago e João. Chamando-os, Jesus lhes disse: ‘Sabeis que aqueles que vemos governar as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos’” (10,35-44). O projeto de Jesus não é ser servido, mas servir ao próximo. Assim, é rejeitada, definitivamente, a aspiração dos discípulos ao reino messiânico davídico, no qual Jesus seria ungido como rei e assumiria o poder em Jerusalém. Essa rejeição é também da comunidade de Marcos por volta do ano 70 d.C. Ela rejeita juntar-se às revoltas armadas dos vários líderes messiânicos e suas lutas por poder e privilégios.

O evangelho de Marcos registra três anúncios da paixão com o catecismo sobre o seguimento de Jesus na vida cotidiana da comunidade. Ao anunciar o catecismo do “caminho da cruz”, Jesus combate e corrige os discípulos que aspiram poder e privilégio. É corrigida a aspiração messiânico-davídica ao poder de alguns membros da comunidade de Marcos. No caminho do seguimento

de Jesus, ela deve empenhar-se em examinar sempre a natureza de sua missão no mundo.

A comunidade, como o cego Bartimeu (10,46-52), deve abrir os olhos, deixar o manto do “Filho de Davi”, messias como rei poderoso, e seguir o caminho da cruz do Jesus servo sofredor. Deve despojar-se de tudo o que o mundo de ambição ao poder, riqueza e fama prega e busca: “Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (10,45).

QUINTO ENCONTRO



TEMA: Jesus está vivo e presente em nosso meio!

PERSONAGENS: Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago, Salomé e um jovem.

TEXTO: Mc 16,1-8.

PALAVRAS-CHAVE: Comprar, unguir, ver, o Crucificado, ressuscitou e Galileia.

PERSPECTIVA: Acreditar que Jesus Ressuscitado está vivo e presente em nosso meio suscitando novos discípulos e discipulas para continua o projeto do reino de Deus.

*Procurais a Jesus de Nazaré, o Crucificado.
Ressuscitou, não está aqui. (Mc 16,6)*

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, flores, vela, uma cesta com ovos, pão, vinho e, onde for possível, um girassol.
- Escrever em uma cartolina o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciemos o nosso encontro em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Todas/os: Amém.

Dirigente: Vamos partilhar como foi a vivência do gesto concreto proposto na reunião anterior. *Tempo para a partilha.*

Dirigente: Em nosso aprofundamento do evangelho de Marcos, aprendemos que ser discípula ou discípulo de Jesus é colocar-se a caminho: “deixar as redes” e ser capaz de assumir o projeto do Reino, que exige a partilha, a superação de preconceitos e o compromisso com a justiça. No encontro de hoje, a nossa reflexão é sobre a experiência da ressurreição como força que nos impulsiona constantemente para a missão. Com o desejo de reavivar a certeza de que Jesus está vivo e presente em nosso meio, cantemos:

*Eu creio num mundo novo, pois Cristo ressuscitou!
Eu vejo sua luz no povo, por isso alegre sou!*

*Em toda pequena oferta, na força da união,
No pobre que se liberta, eu vejo ressurreição!*

*Na mão que foi estendida, no dom da libertação.
Nascendo uma nova vida, eu vejo ressurreição!*

*Nas flores oferecidas, e quando se dá perdão:
Nas dores compadecidas, eu vejo ressurreição!*

*Nos homens que estão unidos, com outros partindo
o pão,
Nos fracos fortalecidos, eu vejo ressurreição!*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Eis um trecho da entrevista de Dom Oscar Romero, bispo de El Salvador, duas semanas antes de sua morte: *“Fui frequentemente ameaçado de morte. Devo dizer-lhe que, como cristão, não creio na morte sem ressurreição: se me matarem, ressuscitarei no povo salvadoreño.*

Digo isso sem nenhuma ostentação, com a maior humildade. Como pastor, sou obrigado, por mandado divino, a dar a vida por aqueles que amo, que são todos os salvadoreños, até por aqueles que me assassinarem. Se chegarem a cumprir-se as ameaças, desde agora ofereço a Deus meu sangue pela redenção e ressurreição de El Salvador. O martírio é uma graça de Deus, que não me sinto na situação de merecer, porém, se Deus aceitar o sacrifício de minha vida, que meu sangue seja semente de liberdade e sinal de que a esperança se transformará logo em realidade.

Minha morte, se for aceita por Deus, que seja pela libertação do meu povo e como testemunho de esperança no futuro. Você “pode escrever: ‘se as ameaças chegarem a ser cumpridas, desde já eu perdoo e abençoo aquele que o fizer””.¹

¹ www.pime.org.br/mundoemissao/testemunhosromero.htm. Acesso em 20 de fevereiro de 2012. Dom Oscar Romero foi assassinado no dia 24 de março de 1980.

Dirigente: *“Não creio na morte sem ressurreição: se me matarem, ressuscitarei no povo salvadoreño”*. O que nós sentimos diante do testemunho de Dom Oscar Romero e de tantos outros mártires, mulheres e homens, que deram a vida pela causa da justiça? *Tempo para a partilha. Encerrar este momento com o refrão sugerido ou outro escolhido pela comunidade:*

***Eu creio num mundo novo, pois Cristo ressuscitou!
Eu vejo sua luz no povo, por isso alegre sou!***

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: As mulheres recebem a ordem de comunicar aos seguidores de Jesus que ele voltaria para a Galileia. Elas ficaram com medo, fugiram e nada disseram. É preciso afastar-se de Jerusalém, lugar de centro do poder, e voltar à Galileia, o lugar onde tudo começou. Segundo o evangelho de Marcos, foi na Galileia que Jesus realizou grande parte de sua atividade missionária. Voltar à Galileia é assumir o projeto de Jesus, e isso causa medo. Acreditar que Deus ressuscitou Jesus é reafirmar a fé em Deus como o Senhor da vida. Apesar do medo, há uma grande esperança para os que seguem Jesus.

5. Leitura do texto

Dirigente: Animados pela fé e pelo testemunho das primeiras comunidades cristãs que assumiram o projeto de Jesus, peçamos ao Espírito Santo que abra os nossos corações para acolhermos a Palavra de Deus e deixar que ela nos fortaleça em nossa caminhada. Cantemos:

***Cristo ressuscitou, aleluia!
Venceu a morte com amor! (bis) Aleluia!***

*Tendo vencido a morte,
o Senhor ficará para sempre entre nós.
Para manter viva a chama do amor
que reside em cada cristão a caminho do pai.*

Leitora ou leitor 3: Ler Mc 16,1-8.

Dirigente: *Para conversar.*

- a) Qual era a preocupação das mulheres quando elas foram ao túmulo e o que elas encontraram?
- b) Por que as mulheres tiveram medo e fugiram?
- c) Qual o sentido de voltar para a Galileia?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: A nossa missão é anunciar que Cristo Ressuscitou e nos precede na Galileia. O lugar onde a vida está ameaçada. Assumir o projeto de Jesus dá medo e, muitas vezes, é melhor fugir. É preciso viver a experiência de que há uma esperança, a força da vida é maior do que a morte. É preciso acreditar que “a pedra já fora removida!”.

- a) Onde é a nossa Galileia hoje?
- b) Qual a nossa reação diante da missão que assumimos?
- c) De que maneira somos anunciadores/as da ressurreição no mundo em que vivemos?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Diante dos símbolos de vida que estão à nossa frente, podemos fazer a nossa oração. Depois de cada prece, podemos repetir o refrão ou, se o grupo preferir, escolher outro: ***Eu creio num mundo novo,***

pois Cristo ressuscitou! Eu vejo sua luz no povo, por isso alegre sou! Após as preces, vamos partilhar o pão e o vinho, alimentos que nos fortalecem na caminhada.

Dirigente: Reafirmando a nossa fé cristã e o nosso compromisso de sermos anunciadoras e anunciadores da ressurreição, rezemos: *Pai-nosso*.

8. Gesto concreto

Continuar aprofundando o evangelho de Marcos e com essa comunidade buscar inspiração para viver o nosso seguimento de Jesus hoje.

9. Bênção final

Dirigente: “Ressuscitou, não está aqui.” Que o Deus da Vida nos abençoe e nos dê a graça de vivermos a ressurreição no cotidiano de nossa caminhada. Que a bênção de Deus pai e mãe desça sobre cada pessoa aqui presente, sobre nossas famílias e comunidades, sobre a nossa cidade e o nosso país.

Todas/os: Amém.

Dirigente: Vamos estender as nossas mãos sobre os alimentos que trouxemos. Que Deus abençoe estes alimentos e que a partilha da comida seja sinal de nossa comunhão entre nós e com as pessoas com as quais convivemos.

Todas/os: Amém.

Orientações para o quinto encontro

Situando o texto: Jesus ressuscitado e vivo no meio de nós!

Jesus pregou a prática da justiça e da solidariedade com as pessoas empobrecidas e enfraquecidas pelo império romano e seus colaboradores. Consequentemente, ele foi perseguido e morto pelos seus opositores. Olhando de perto o tecido do texto da paixão e morte de Jesus, redigido pela comunidade de Marcos, por volta do ano 70 d.C., descobre-se que ele foi morto como contestador e subversivo pelas autoridades de seu tempo:²

- 1) Os membros do Sinédrio prenderam Jesus, interrogaram-no e entregaram seu caso a Pilatos (14,43-15,1): não há dúvida de que eles estão na lista dos culpados pela morte de Jesus. Por trás das acusações levantadas contra Jesus, aparecem suas palavras sobre a estrutura religiosa vigente: a Lei do puro e do impuro, o Templo e o messianismo davídico triunfalista que regulavam a vida do povo judeu. Jesus projetou uma nova sociedade, na qual o legalismo seria substituído pela justiça e misericórdia, e o Templo, pela casa de oração e partilha. Por isso, foi visto como uma ameaça ao poder religioso.
- 2) Os discípulos abandonaram Jesus, e Pedro negou seu Mestre (14,50; 14,66-72): se esses atos não fossem de fato históricos, dificilmente as primeiras comunidades os atribuiriam a Pedro e aos discípulos. O fato de os discípulos fugirem

² Essa reflexão foi desenvolvida a partir do artigo anterior de Shigeyuki NAKANOSE, "O messias crucificado e ressuscitado". As narrações da paixão e morte, em: CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, *Seguir Jesus: os evangelhos*, São Paulo, CRB/Loyola, 1994, p. 126-127.

transparece que eles não compreenderam Jesus como o Messias Servo no tempo pré-pascal. Os discípulos esperavam Jesus como um messias poderoso, um novo Davi, conforme era ensinado e esperado por muitas das autoridades religiosas da época.

- 3) Pilatos condenou Jesus à morte de cruz como “rei dos judeus” (15,1-15): é importante acentuar, antes de tudo, que Jesus foi condenado a uma pena que só um tribunal romano podia dar. Isso é fundamental, porque nos leva a confirmar a responsabilidade de Pilatos e dos romanos pela morte de Jesus. O título “rei dos judeus”, que foi fixado no alto da cruz como a causa da sentença, é mencionado em todos os evangelhos, reforça a responsabilidade dos romanos. Pilatos condenou Jesus à morte como pretendente ao trono judeu e, portanto, como rebelde contra a ordem e a tranquilidade da *pax Romana*.
- 4) Jesus é açoitado depois de condenado à morte (15,15): os historiadores atestam a frequência da flagelação como pena acessória ao condenado à morte. Essa pena, que parece ter sido reservada aos não cidadãos entre os romanos, servia de exemplo para demonstrar seu domínio e poder sobre os súditos nas províncias. E é certo que a flagelação e o sofrimento no caminho para o Calvário enfraqueceram Jesus e apressaram a sua morte.
- 5) Jesus morreu na cruz (15,37): na literatura romana, a crucifixão tem sua origem na Pérsia e era aplicada aos oficiais. No período greco-romano é que passou a ser usada para os escravos. Ela é descrita como “crudelíssimo e horribilíssimo suplício, e é uma penalidade infligida aos escravos e

aos habitantes das províncias por faltas maiores, como furto grave e rebelião”. Por sua crueldade, o suplício da cruz foi visto, pelos judeus, como “escândalo” e “maldição de Deus”: “Se um homem, culpado de um crime que merece a pena de morte, é morto e suspenso a uma árvore, seu cadáver não poderá permanecer na árvore à noite; tu o sepultará no mesmo dia, pois o que for suspenso é um maldito de Deus” (Dt 21,22-23).

Os textos bíblicos da Paixão e morte de Jesus nos informam que ele morreu como criminoso e subversivo. Sua morte foi consequência de uma vida a serviço da justiça levada ao seu extremo: “Jesus dizia: *‘Abba [Pai]! Tudo é possível para ti: afasta de mim este cálice; porém, não o que eu quero, mas o que tu queres’*” (14,36). A cruz de Jesus é o resultado da sua fidelidade à missão do Pai e compromisso com seus irmãos até o fim. É o resultado do que ele pregou e do que ele fez. E é exatamente por Jesus ter sido fiel ao amor de Deus, e por ter testemunhado esse amor até o fim, até a cruz, que a comunidade de seus seguidores e seguidoras verá na cruz a exaltação de Jesus como servo de Javé:

Ele, estando na forma de Deus, não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecendo-se em seu aspecto como um homem, abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, a morte sobre uma cruz. Por isso Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome (Fl 2,6-9).

Um hino cristão antigo, citado por Paulo, repete o mesmo esquema “humilhação/exaltação” conhecido na

tradição judaica, por exemplo: “Deus ergue o fraco da poeira e tira o indigente do lixão” (Sl 113,7-8; Sl 22). O indigente, condenado como impuro, é salvo pelo amor e pela gratuidade de Deus. A salvação não está no cumprimento da lei do puro e do impuro, mas na prática da solidariedade, por meio da qual o Deus da vida se manifesta. Por isso, para os cristãos, Deus Pai nunca abandona Jesus de Nazaré, que serve ao povo com amor. Ele exalta Jesus crucificado, um impuro, cujo nome é Jesus Cristo, Filho de Deus (1,1).

Com essa convicção pós-pascal, a comunidade de Marcos descreve a manifestação gloriosa do Filho do Homem:

“Naqueles dias, porém, depois daquela tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará sua claridade, as estrelas estarão caindo do céu, e os poderes que estão nos céus serão abalados. E verá o Filho do Homem vindo entre nuvens com grande poder e glória. Então ele enviará os anjos e reunirá seus eleitos, dos quatro ventos, da extremidade da terra à extremidade do céu” (13,24-27).

Com a tradição apocalíptica judaica (Dn 7,9-27), a comunidade de Marcos manifesta a sua fé na ressurreição de Jesus Cristo e na chegada de um mundo novo por ele prometido. Porém, a mesma comunidade adverte que essa espera pela manifestação plena do reino de Deus não deve ser passiva, mas ativa (13,28-36). Os seguidores e as seguidoras de Jesus Cristo não podem se descuidar de suas responsabilidades no seguimento de Jesus no dia a dia: “O que vos digo, digo a todos: vigiai!” (13,37).

“Cumpriu-se o tempo, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no evangelho”, escreve a comunidade de Marcos (1,15). O reino de Deus pregado

e semeado por Jesus deve continuar sendo construído pela prática da solidariedade e da comunhão com os mais sofridos e explorados devido a uma realidade excludente, que vive a busca desenfreada do lucro, poder e privilégio. Os seguidores e seguidoras de Jesus Cristo devem continuar a missão do seu mestre, que exerceu seu ministério a partir da periferia, da Galileia. Somente assim, Jesus ressuscitado estará presente no meio deles. Um jovem vestido com uma túnica branca anuncia para as mulheres diante do túmulo vazio: “Ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vos procede na Galileia. Lá o vereis, como vos tinha dito” (16,7).

Comentando o texto: Mc 16,1-8 – “Ressuscitou, não está aqui”.

Os evangelhos são unânimes em afirmar o testemunho de mulheres que vão ao túmulo de Jesus. Marcos cita Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago, e Salomé (v.1). Mateus menciona apenas duas mulheres: Maria Madalena e a outra Maria (Mt 28,1). Na lista de Lucas, vemos Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago, e outras mulheres (Lc 24,10). Em João, apenas Maria Madalena (Jo 20,1). Madalena é citada em todos, o que indica que ela era uma referência importante para as primeiras comunidades cristãs, principalmente para a teologia da ressurreição e para a continuidade do movimento de Jesus. E mais: a morte de Jesus foi assunto de muita conversa e reflexão na Igreja dos primórdios.

No evangelho de Marcos, a lista com nomes de mulheres é citada pela terceira vez. Em 15,40, no momento da crucifixão, “estavam ali algumas mulheres, olhando de longe. Entre elas, Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de Joset, e Salomé”. Em seguida, a narrativa afirma: “Maria de Magdala e Maria, mãe de

Joset, observavam onde ele fora posto” (15,47). O que pode indicar essa lista, uma vez que o testemunho de mulheres nem sempre era considerado? Os discípulos fugiram, mas algumas mulheres permaneceram até o momento da cruz e morte (cf. 15,40). É possível que esse evangelho quisesse reforçar que os excluídos é que seguem Jesus até o fim.

Após a prisão e a execução de Jesus na cruz, as mulheres não o abandonaram, mas continuaram a segui-lo. Segundo o evangelho de Marcos, desde o início da narrativa, elas também serviam (*diakonein*) a Jesus (1,31) e até após a sua morte. Ainda que o seguimento dos homens (como Pedro, Tiago e João) a Jesus desaparecesse, as mulheres continuam sendo “diaconisas”, prestando solidariedade e estando em comunhão com os mais necessitados. Elas, como o cego Bartimeu (10,46-52), são o símbolo do ser fraco e desprezado, sem poder. São as pessoas marginalizadas, que estão dependentes e vazias de si mesmas, prontas para seguir o caminho de Jesus, o servo sofredor, que se esvaziou para servir aos outros até a cruz.

A descrição do evangelho de Marcos permite concluir que o sepultamento de Jesus foi apressado, pois já era tarde e véspera do sábado, sem o tempo suficiente para os rituais fúnebres. Por isso, algumas mulheres, após o sábado, ou seja, após o pôr do sol, vão ao lugar onde sepultaram Jesus para ungir o corpo dele (16,1). Era costume dos judeus ungir o corpo com uma mistura de mirra e aloés (cf. Jo 19,39). A unção deveria ser feita antes do sepultamento. Na realidade, não seria possível abrir o túmulo depois de um dia e meio de sepultamento.

Mal amanheceu o primeiro dia e as mulheres foram ao túmulo. No coração, angústia e preocupação: “Quem rolará a pedra da entrada do túmulo para nós?” (16,3). No entanto, “viram que a pedra já fora removida”. De acordo

com a mentalidade bíblica, túmulo é símbolo da morte. Mas a entrada está aberta. Há uma esperança.

As mulheres “viram um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca, e ficaram cheias de espanto” (16,5). A palavra grega *ekthambeo* só é utilizada nesse evangelho e pode ser traduzida por pavor ou espanto. Ela também é utilizada no contexto da oração de Jesus no Gestêsmani para descrever o seu estado de ânimo: ele “começou a apavorar-se” (14,33).

No túmulo, o jovem encontra-se à direita, a tradição acreditava que essa era a posição do próprio Cristo: “vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poderoso e vindo com as nuvens do céu” (14,62; cf. 12,36). A descrição do encontro entre o jovem e as mulheres tem características de relato de anúncio: o jovem é identificado com um anjo (cf. 2Mc 3,26), as vestes brancas indicam o mundo divino, sua posição simboliza dignidade, palavras de encorajamento às mulheres diante do medo e a promessa.

As palavras do anjo contêm a afirmação de fé das primeiras comunidades cristãs: “Procurais a Jesus de Nazaré, o Crucificado. Ele ressuscitou, não está aqui” (16,6; cf. At 2,23-24; 3,15; 4,10; 5,30; 10,40; 13,28-30). No grego, está na voz passiva: “ele foi levantado” (*egerthê*, traduzido por ressuscitado). O mesmo verbo é utilizado nos relatos de milagre, nos quais Jesus levanta os marginalizados, libertando-os para participarem da vida social (1,31; 2,9, etc.). A ressurreição é a vida.

O túmulo vazio é um sinal da ação de Deus. Um mistério que permanece até hoje. Não é o túmulo vazio que prova a ressurreição de Jesus, mas, sim, um encontro pessoal com o ressuscitado. As palavras finais do Anjo são de encorajamento: “Ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia” (16,7). A ordem é ir para a Galileia. Voltar ao começo, refazer o caminho.

A palavra do anjo inclui os discípulos e Pedro. Na hora do aperto, os discípulos fugiram e Pedro negou Jesus. Apesar das falhas, a comunidade está aberta para todas as pessoas que estão dispostas a seguir Jesus. É preciso sempre voltar à Galileia, que no evangelho de Marcos tem um destaque especial. É em Cafarnaum que Jesus escolheu seus primeiros discípulos e aí estabeleceu o local de sua residência. Ele atuou no norte da Galileia e na Decápolis. A Galileia é o espaço familiar de Jesus, ao passo que Jerusalém é o lugar do sagrado vinculado à Lei, à hierarquia, ao puro e impuro, é o lugar da exclusão, de tudo o que significa a rejeição ao projeto de Jesus. É preciso distanciar-se de Jerusalém e reencontrar Jesus na Galileia, no meio dos gentios.

Provavelmente, é a mesma razão que levou o evangelho de Marcos a ser o único que utiliza o título “Jesus de Nazaré” no relato da ressurreição (16,6). A comunidade, que se situava na Galileia e estava enfrentando conflitos, por volta do ano 70 d.C., deu ênfase ao local do ministério de Jesus. Ele era um nazareno, viveu, testemunhou e implantou seu projeto de amor e de solidariedade na sua terra. Chamar “Jesus de Nazaré” e voltar para “Galileia” são apelos fortes para retomar a missão de Jesus, o servo sofredor.

Qual foi a resposta das mulheres? “Saíram e fugiram do túmulo (...) E nada contaram a ninguém, pois tinham medo” (16,8). Assim terminava o evangelho de Marcos. Uma história cujo fim fica para a imaginação de quem está lendo o evangelho. Diante das curas e milagres, a ordem é silenciar e as pessoas falam (1,44), agora acontece o contrário: a ordem é falar e as mulheres silenciam.

A história se repete: como os discípulos, as mulheres também fugiram (14,50). Porém, seu silêncio, medo e fuga são diferentes. São os sentimentos e as reações diante do seguimento de Jesus: “voltar para a Galileia – à

prática de Jesus”. Seguir Jesus de Nazaré implica assumir o seu projeto, que provoca conflitos, perseguições e até a morte. Implica deixar a segurança! Mas a esperança está aí na ressurreição. Jesus ressuscitado continua presente entre aqueles e aquelas que prosseguem o seu caminho: “Ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia. Lá o vereis, como vos tinha dito” (16,7).

Aprofundando: Levanta-te

Não vos espanteis! Procurais Jesus de Nazaré. O Crucificado. Ressuscitou [levantou-se], não está aqui. Vede o lugar onde o puseram. Mas ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia. Lá o vereis, como vos tinha dito (16,6-7).

O verbo traduzido para o português como ressuscitou, no grego, é *egerthê*, que significa “foi levantado”. A comunidade das seguidoras e seguidores de Jesus usa o mesmo verbo tanto para falar da ressurreição de Jesus, de como ele foi levantado dentre os mortos, quanto para falar da ação de Jesus entre as pessoas que com ele convíviam. Principalmente entre aquelas que estavam recaídas nas camas, paralíticas, atrofiadas, sem vontade de viver, atormentadas por espíritos impuros e cegas, daqueles e daquelas que estavam como que “mortos” para a vida. A ação de Jesus junto a essas pessoas foi de levantá-las, ou de fazer com que se levantassem para a vida de novo, que novamente participassem da vida, que recomeçassem a viver. Eis aqui alguns exemplos:

- 1) “E logo ao sair da sinagoga, foi à casa de Simão e de André, com Tiago e João. A sogra de Simão estava de cama com febre, e eles imediatamente mencionaram a Jesus. Aproximando-se, ele a

tomou pela mão e a fez levantar-se. A febre a deixou, e ela se pôs a servi-los” (1,29-31).

- 2) “Jesus, vendo sua fé, disse ao paralisado: ‘Filho, teus pecados estão perdoados’. Ora, alguns dos escribas que lá estavam sentados refletiam em seu coração: ‘Por que está falando assim? Ele blasfema! Quem pode perdoar pecados a não ser Deus?’. Jesus imediatamente percebeu em seu espírito o que pensavam em seu íntimo, e disse: ‘Por que pensais assim em vossos corações? Que é mais fácil dizer ao paralisado: ‘Os teus pecados estão perdoados’, ou dizer: ‘Levanta-te, toma o teu leito e anda?’. Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem poder de perdoar pecados na terra, eu te ordeno – disse ele ao paralisado – levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa” (2,5-11).
- 3) “E entrou de novo na sinagoga, e estava ali um homem com uma das mãos atrofiada. E o observavam para ver se o curaria no sábado, para o acusarem. Ele disse ao homem da mão atrofiada: ‘Levanta-te e vem aqui para o meio’” (3,1-3).
- 4) “Chegaram à casa do chefe da sinagoga, e ele viu um alvoroço. Muita gente chorando e clamando em voz alta. Entrando, disse: ‘Por que este alvoroço e este pranto? A criança não morreu; está dormindo’. E caçoavam dele. Ele, porém, ordenou que saíssem todos, exceto o pai e a mãe da criança e os que o acompanhavam, e com eles entrou onde estava a criança. Tomando a mão da criança disse-lhe: *Thalita kum*, o que significa: “Menina, eu te digo, levanta-te”. No mesmo instante, a menina se levantou, e andava, pois já tinha doze anos. E ficaram extremamente espantados” (5,38-42).
- 5) “Vendo Jesus que a multidão afluía, conjurou severamente o espírito imundo, dizendo-lhe:

‘Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: deixa-o e nunca mais entre nele!’. E gritando e agitando-o violentamente, saiu. E o menino ficou como se estivesse morto, de modo que muitos disseram que ele morrera. Jesus, porém, tomando-o pela mão, ergueu-o, e ele se levantou” (9,25-28).

- 6) “E muitos o repreendiam, para que se calasse. Ele, porém, gritava mais ainda: ‘Filho de Davi, tem compaixão de mim!’. Detendo-se Jesus disse: ‘Chamai-o!’. Chamaram o cego, dizendo-lhe: ‘Coragem! Ele te chama. Levanta-te’. Deixando o manto, deu um pulo e foi até Jesus. Então Jesus lhe disse: ‘Que queres que eu te faça?’ O cego respondeu: ‘*Rabbuni!* Que eu possa ver novamente!’ Jesus lhe disse: ‘Vai, tua fé te salvou!’. No mesmo instante, ele recuperou a vista e o seguia no caminho” (10,48-52).

Segundo os evangelhos, havia muitas pessoas a serem levantadas para a vida. Por que isso acontecia? Aqui devemos ter presente o contexto em que Jesus e as primeiras comunidades viveram e atuaram. O elemento principal desse contexto é a dominação pelo império romano. Isso implicava em uma pesada carga de tributos e impostos sobre todas as pessoas. Grande parte da produção e dos frutos dos trabalhos do povo dominado ia parar nas mãos das autoridades romanas e de seus aliados judeus. À carga representada pelo domínio imperial romano somava-se a carga dos impostos, tributos, sacrifícios e oferendas que os judeus deviam fazer ao Templo de Jerusalém e às autoridades da religião oficial da Judeia. Juntos, esses tributos retiravam mais de 60% dos produtos do trabalho do povo da Judeia e da Galileia. Assim, a maioria da população vivia em estado de pobreza e muitos, sem acesso à terra, endividados e sem trabalho fixo, viviam na miséria.

A situação social de exploração e de pobreza generalizada era agravada pela teologia oficial dominante, que acrescentava aos sofrimentos dos pobres a culpa por sua pobreza. A teologia da retribuição dizia que a pobreza e a riqueza eram dadas por Deus. Segundo essa teologia, a riqueza era vista como uma bênção que Deus dava para os justos, como recompensa por sua justiça; e a pobreza, a doença, os sofrimentos eram vistos como uma maldição de Deus, destinada aos pecadores e impuros. Isso sobrecarregava as pessoas pobres, doentes e excluídas, pois, além das dores advindas de sua situação social, ainda sofriam com o peso da vergonha e da culpa por serem vistas como pecadoras.

Uma das consequências fortes dessa compreensão de Deus é que causa e estimula a insensibilidade diante das pessoas pobres, injustiçadas e sofredoras: elas são vistas como causadoras dos seus próprios sofrimentos, como quem está pagando por seus próprios pecados e erros. O Deus da lei do puro e impuro, do templo e da teologia da retribuição, em vez de incentivar a solidariedade, estimula a culpabilização e a exclusão. É um Deus insensível aos gritos das pessoas pobres, das pessoas que sofrem injustiças e violências: “O órfão é arrancado do seio materno e a criança do pobre é penhorada. Da cidade sobem os gemidos dos moribundos, e suspirando os feridos pedem socorro, e Deus não ouve a sua súplica” (Jó 24,9-12). O Deus da teologia da retribuição não ouve, não vê, não conhece, e nada faz para diminuir as dores dos oprimidos.

É nesse contexto que devemos compreender a prática de Jesus e também das comunidades de Marcos, de Paulo e dos outros evangelhos. Inclusive em muitos casos, quando os evangelhos descrevem Jesus realizando determinados atos e atitudes, na verdade estão legitimando práticas realizadas pelas comunidades em nome de Jesus.

Mas as práticas das comunidades certamente enraízam-se na prática e nas atitudes de Jesus. No contexto dominado pela teologia da retribuição, Jesus certamente mostra outro rosto de Deus: “Assim que ele desembarcou, viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor” (6,34). Jesus vê com os olhos do Deus do Êxodo, que vê, ouve, conhece e desce para libertar (Ex 3,7).

Jesus e a comunidade de seus seguidores e seguidoras não enxergam as pessoas com os óculos da teologia da retribuição. Esses óculos impedem de vê-las como pessoas, mas, sim, como pecadoras e culpadas por seus próprios sofrimentos, por isso elas não devem ser acolhidas e, sim, penalizadas e excluídas. De acordo com essa mentalidade, as pessoas consideradas pecadoras são as causadoras de suas próprias desgraças, que podem recair sobre quem delas se aproximar: “Quê? Ele come com os pecadores e publicanos?” (2,16). Essas pessoas estão como mortas para Deus... E precisam ser ajudadas a se levantarem novamente, precisam ser levantadas para a dignidade, para a vida... E era isso o que Jesus fazia. Ao fazer isso, também resgatava e revelava o verdadeiro rosto de Deus.

No ambiente agitado dos anos próximos da guerra judaica, visões triunfalistas do messias davídico talvez tenham feito alguns discípulos, que esqueceram da solidariedade com os empobrecidos e começaram a adorar Jesus como um rei poderoso, o que está implícito na forma como o evangelho descreve suas reações frente aos anúncios da paixão (cf. 8,31-33; 9,30-34; 10,32-37). Havia grupos que estavam olhando mais para o Jesus todo-poderoso do que para as pessoas ao seu redor. Os pequeninos estavam sendo esquecidos e ignorados.

Mas as comunidades que estão por trás do Evangelho de Marcos, ao apontar para Jesus como o servo de Javé, e ao mostrar Jesus recriando essas atitudes (8,34-35;

9,35-37; 10,41-45), também nos recriminam severamente. Jesus não quer ser adorado como um rei ou um Deus poderoso. Ao fixarmos demasiadamente nossos olhos e nossos corações nessa imagem de Jesus e de Deus, corremos o risco de não ver nem ouvir os gemidos e as dores dos pobres e injustiçados ao nosso lado... E com isso Jesus ressuscitado não mais se manifesta entre nós. Olhando para essas partes do evangelho de Marcos, podemos nos dar conta de que estamos preocupados em demasia em cultuar a Jesus no altar ou no trono, esquecendo-nos que o testemunho de sua ressurreição não está no culto, mas no serviço, no serviço que liberta, que resgata a dignidade das pessoas, que transmite vida, que levanta as pessoas injustiçadas e oprimidas.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *Seguir Jesus: Os evangelhos*. São Paulo: CRB/Loyola, 1994.
- Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. Ano da Eucaristia. *SEDOC*, v. 37, n. 307, Petrópolis, nov/dez, 2004, p. 237-250.
- DOMINIC CROSSAN, J.; REED, J. L. *Em busca de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FRANCE, R. T. *The Gospel of Mark: A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids, Michigan/Cambridge: Wm B. Eerdmans Publishing CO, 2002.
- GAMELEIRA SOARES, S. A.; CORREIA JÚNIOR, J. L. *evangelho de Marcos*. v. I: 1-8: refazer a casa. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S. *Bandidos, profetas e messias: Movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995.
- KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento*. V. 2. História e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005.
- MYERS, C. *O evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulus, 1992.
- NAKANOSE, S.; MARQUES, M. A. "Jesus e seus opositores", em: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 47, 2004/1, Petrópolis: Vozes, 93-107.
- SCHIAVO, L.; DA SILVA, V. *Jesus, milagreiro e exorcista*. São Paulo: Paulinas, 2002.

ÍNDICE

- 5 Agradecimentos
- 7 Apresentação
- 9 Introdução
- 11 No caminho de Jesus
- 12 Conhecendo o evangelho de Marcos
- 13 Pisando o chão da comunidade de Marcos
- 15 Conhecendo a proposta do evangelho de Marcos
- 16 Conhecendo a estrutura do texto
- 18 Chaves para a leitura do evangelho de Marcos
- 20 Lembretes para as reuniões

- 21 ***Primeiro encontro: O reino de Deus se constrói na vivência comunitária!***
- 26 Orientações para o primeiro encontro
- 26 Situando o texto: O domínio romano em Israel
- 29 Comentando o texto: Mc 1,14-20 – O reino de Deus está próximo
- 31 Aprofundando: “*Vinde em meu seguimento!*”

- 35 ***Segundo encontro: A partilha “do pão nosso de cada dia”!***
- 41 Orientações para o segundo encontro
- 41 Situando o texto: Os pobres no império romano
- 44 Comentando o texto: Mc 6,30-44 – O banquete da vida!
- 48 Aprofundando: “*Dai-lhes vós mesmos de comer*”

- 53 *Terceiro encontro: **Acolher as pessoas excluídas!***
- 58 Orientações para o terceiro encontro
- 58 Situando o texto: Os judeus galileus e os siro-
fenícios
- 60 Comentando o texto: Mc 7,24-30 – Todos
participam da mesa do Reino!
- 63 Aprofundando: *endemoninhados*
- 71 *Quarto encontro: **Seguir Jesus é comprometer-
se com a justiça!***
- 76 Orientações para o quarto encontro
- 76 Situando o texto: Jesus, o messias-servo
- 82 Comentando o texto: Mc 8,27-38 – “Tu és o
Cristo”
- 86 Aprofundando: *Catecismo sobre o seguimento
de Jesus*
- 91 *Quinto encontro: **Jesus está vivo e presente em
nosso meio!***
- 97 Orientações para o quinto encontro
- 97 Situando o texto: Jesus ressuscitado e vivo no
meio de nós!
- 101 Comentando o texto: Mc 16,1-8 – “Ressuscitou,
não está aqui”.
- 105 Aprofundando: *Levanta-te!*
- 111 Bibliografia consultada

CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há mais de vinte anos está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades.

Cursos intensivos

Especialização em Bíblia – Primeiro e Segundo Testamento
Mestrado
Estudos de temas específicos
Línguas do mundo bíblico (hebraico e grego)

Retiro bíblico

Cursos extensivos

Introdução ao Primeiro e Segundo Testamento (um sábado por mês)
Hebraico e grego (semanal)
Especialização e aperfeiçoamento (semanal)

Cursos nas paróquias e outras entidades

Além dos cursos realizados na sede do Centro Bíblico Verbo, a equipe presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

Maiores informações:

Tel.: (11) 5181-7450

E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br ou cbiblicoverbo@uol.com.br

Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br

